AVEIRO, 15 DE JANEIRO DE 1972 * ANO XVIII * N.º 893

Litoral

Director e Editor — David Cristo ★ Administrador — Alfredo da Costa Santos Proprietários — David Cristo e Francisco Santos ★ Redacção, Administração, Composição e Impressão na Tipografia «A Lusitânia», Rua do Sargento Clemente de Morais, 12 — Telef. 23886 — AVEIRO

SEGUNDO 'GRAU,

DR. ORLANDO DE OLIVEIRA

INTRODUÇÃO

Catorze contra um é uma desproporção demasiadamente grande, mas nem assim desisto de esclarecer os meus ilustres opositores que viram um enorme tranqueiro onde nem sequer existia um pequeníssimo argueiro.

Quem souber interpretar o que escrevi no primeiro «Grau», não encontra lá, nem «afirmação despropositada», nem a menor intenção «lesiva da dignidade social ou profissional» de quem quer que seja, nem ninguém, de recto juízo pode considerar qualquer «infeliz afirmação» no âmbito em que se coloca agora o problema.

Até mantenho relações de cortesia e amizade com uns tantos dos 14 signatários da réplica, alguns dos quais foram meus alunos, e isso bastaria ao bom senso desapaixonado para se pensar que eu não viria para os jornais ofender, molestar ou beliscar a nenhum deles, mesmo que para isso tivesse qualquer razão por um eventual julgamento injusto que um ou outro tivesse feito a meu respeito.

Não. Nem com as fagueiras blandícias duma pena de pavão eu quero atingir os Senhores Agentes Técnicos de Engenharia!

Apenas desejo, isso sim, reafirmar que não são os títulos académicos nem os «Graus» que enobrecem os indivíduos; estes serão sérios e dignos ou ao contrário, consoante os actos que praticarem e de acordo com a forma de vida com que se imponham aos seus concidadãos.

Fiquei a saber agora que o meu primeiro «Grau» teve pelo menos 14 leitores e calculo, entretanto, que, dada a avidez das plateias por estes rebuçados com um aromazinho a escândalo, sempre serão pelo menos 20 os que vão folhear interessadamente o «Litoral». Regosijo-me com isso e agradeço o interesse.

« ACONTECEU »

De facto, em 4 de Dezembro findo, foi publicado o meu artigo intitulado «O Grau»; na semana seguinte, «aconteceu» que o mesmo jornal inseria, pela pena preciosíssima do Dr. Araújo e Sá, o artigo «Os Excelentíssimos». Eram de tal modo idênticos os nossos pensamentos que este prezadíssimo Amigo me escreveu de Luanda a esclarecer que o seu trabalho já estava há tempos na Redacção do jornal, não fosse eu pensar que houvera plágio ou inspiração menos elegante em «Os Excelentíssimos». Pois claro: foi apenas feliz coincidência que «aconteceu».

Neste número de 8 de Janeiro do mesmo jornal apareceu o substancioso «Elitismo Doutoral» do jovem licenciado Carvalho Homem, também a tocar o mesmo bordão do desejo imoderado e incontido de medir os valores humanos apenas pelos títulos académicos de cada um.

Na verdade, é uma coincidência muito curiosa, reveladora de que nós os três (e muitos outros, certamente) andamos enfastiados com tanta preocupação de graus e títulos, sem o correspondente desejo de produzir trabalho a condizer.

Mas ainda aconteceu que nesse mesmo dia 8 de Janeiro me chegou o mais recente número de uma Revista belga que costumo ler com regularidade, cujo sumário transcrevo:

— Antimatéria e astronomia
— Ensaios de expressão da força ácido--base generalizada
— A ressonância paramagnética electrónica
— A comunidade científica, sua imagem e sua responsabilidade social
— Os reactores nucleares de neutrões rápidos
— Notas
— Bibliografia
— Índice

Por motivos compreensíveis fui logo sorver «A comunidade científica, sua ima-

Continua na página três

PINHEIROS ... E NATAL

LAUDELINO DE MIRANDA MELO

Todos os anos, na época do Natal, fico triste. Fico triste por presenciar um espectáculo desolador, que traz à Nação portuguesa um prejuízo considerável!

São, como todos sabemos, muitos milhares de pinheirinhos sacrificados (e que daqui a alguns anos seriam árvores) para ir ao encontro de um velho hábito, satisfazer uma tradição de gentes das cidades — plantar dentro de nossas casas a «árvore do Natal». Gentes das cidades, sim, porque o povo das aldeias (das nossas aldeias) não se interessa nada, por enquanto, com árvores de Natal. Os seus hábitos são outros. Mas nas cidades é assim, de há muito, em todos os povos cristãos. E principalmente nos povos nórdicos, de quem copiámos tal costume. Todavia, nesta apreciação quero referir-me sòmente a Portugal, aos pinheirinhos de Portugal, sacrificados em honra de uma tradição, sem que as autoridades tomem medidas enérgicas que evitem o desvaste dessas preciosas árvores das nossas florestas. Que os pinheirais — os pinheirais portugueses —, bem vistas as coisas, são o mealheiro dos nossos lavradores. E ao corte de uma ou duas dúzias de pinheiros que o lavrador recorre quando quer pagar as contribuições exigidas por lei ou atender à doença que lhe entra em casa, porque outro recurso monetário não tem para satisfazer as necessidades do lar se o ano agrícola não vai de feição (e isto sem pretender falar

Continua na página cinco

ACONTECEU ...

DR. ARAÚJO E SÁ

AS «MISSES»

Desde que cheguei aqui, em princípios de Outubro, raro tem sido o dia em que a Imprensa angolana me não presenteia com mais uma Miss.

Na verdade, de Sá da Bandeira a Moçâmedes, de Benguela a Huíla, de Nova Lisboa a Cabinda, nascem Misses todos os dias, tendo a Imprensa local o cuidado de as mostrar tal e qual são, o mesmo é dizer dá-las a conhecer por intermédio de fotografias, em planos diversos, sugestivos e atraentes, em que o fato de banho normalmente tem primazia em relação ao trajo de cerimónia! Se assim não fosse é que seria de espantar...

É curioso referir que os campos de influência — e tantos são — definem posições de luta: os entusiastas e os indiferentes; os que discordam e os que aplaudem; os que receiam que o mundo esteja no fim e os que defendem que os métodos menos capazes de perverter os corpos e até as almas são os de fácil observação e de crítica imediata...

O público, por sua vez, encara a eleição das candidatas em campos igualmente desiguais: os censores de costumes opõem-se aos libertários; os sorrisos contrastam com a repulsa; há despeitados e rostos felizes.

Apetece perguntar: — Que resta no fim de tudo isto?

A resposta adivinha-se: — Uma Miss...!

Nos salões, na rua, nos cafés, nos palácios, nos casebres, na cidade, na Imprensa, na Rádio, afinal em toda a parte, que outro tema teria merecido atenções iguais: o homem na Lua? Dois astros que chocam? Berlim unificada? O afundamento de Veneza?

A verdade é que nestas terras de Angola as Misses são notícia, são assunto, são tema. Tema que excita e euforiza, que prende e atrai, se bem que nada resulte de útil ou prometedor para a co-

Continua na página cinco

PANO DE FUNDO

JESUS ZING

CÁ TEMOS O 72

Assim é. E um novo ano cá está a baternos à porta, a entrar nos nossos corpos. O outro faz parte de um passado com motivos de reflexão por tudo aquilo que se fez, não se fez e que seria desejo de cada um fazer. Entrou o ano que corre, com um pouco de chuva, que em vez de refrescar as mentes, as impele para um resguarnecer de propósitos.

É lugar comum, nesta altura do ano, fazer-se o balanço do que passou. Não temos o propósito de recordar pelo gesto fútil de recordar. Temos o propósito de recordar para apontar e simultâneamente reflectir. Reflexão de tudo aquilo que nos rodeia, que é, afinal de contas, o mundo, esta coisa, que, por ser assim uma coisa, não é tão insignificante como parece a alguns, mas significativa. Não vou aqui apontar o facto de existirem pessoas que terminaram e iniciaram o ano a dançar, e percorrem o tempo numa dança que reflecte a morbidez de espírito ou a futilidade de uma existência, que nesta dança se vai desintegrando. Ser de todos os tempos e de agora é facto que nos leva a afirmar que não nos interessa que tenha sido de todos os tempos,

Continua na página dois

TEATRO E SENTIDO CRÍTICO

JOSÉ JÚLIO FINO

«Nada custa depreciar qualquer coisa. Por outro lado o elogio fácil e gratuito também não tem grande dificuldade em se fazer. Difícil, sim, bastante difícil, é construir algo que interesse as pessoas e as obrigue a criticar».

Já por variadíssimas vezes ouvi proferir esta frase, em vários tons, aqui e ali com ligeiras alterações, em situações absolutamente diferentes, dita por pessoas de camadas sociais (e culturas) diversas. Para além da rudeza primária que o seu conteúdo encerra, ela impressiona fortemente pela intencionalidade e também pela facilidade espantosa com que se adapta a vários tipos de circunstâncias.

Recorda-me, a propósito disto tudo, uma afirmação pletórica de coragem e determinação, feita por uma grande figura do teatro espanhol com quem contactei muito de perto (Luna de Tena), referindo-se, a propósito da próxima estreia de um seu trabalho de encenação, ao meio ambiente que rodeia as actividades de palco: «Medo sim. Mas não do público. Este é sincero, leal e espontâneo nas suas reacções, sejam quais forem. Dos abutres que adejam pelos cantos da cena, esses sim, são de temer e esmagar na primeira oportunidade». Dentro do exagero que se desprende desta «fanfarronada espanhola», há muito de verdade na intenção com que foi dita. Referindo-se especialmente aos despeitados e frustrados indivíduos que, por este ou aquele motivo, não singraram como pretendiam na arte de representar ou em qualquer outro sector análogo e se dedicaram a actividades relacionadas (crítica, por exemplo), que pela sua contundência e dimensão

Continua na página três

... POR VEZES AO HOMEM FORTE
MALDIZEMOS NO ALTAR E ORAMOS NA PANELA!
TUCHOLSKY

CORAL VERA CRUZ

Já tivemos o ensejo de dizer nestas colunas que o Grupo Coral da Vera Cruz — criado há cerca de três anos e, desde então e até há pouco, actuando quase só no estrito âmbito paroquial e com o fim quase exclusivo de colaborar na liturgia da respectiva paróquia — tomou nome menos extenso, ao mesmo tempo em que se propôs dilatar os horizontes das suas actividades: hoje, CORAL VERA CRUZ (só assim designado, mas ainda com designação que é preito à sua raiz) propõe-se, mais latamente, «servir a Arte do Canto e a Cidade de Aveiro». Se, no historial da sua curta vivência, ficaram já assinaláveis, entre outras, as audições que proporcionou em Espanha (nas catedrais de S. Tiago de Compostela e de Vigo), o concerto da última quarta-feira foi definitivo registo da sua relevante valia: o Salão Municipal de Cultura, não obstante o forçado adiamento da audição, encheu-se de um público que, espontâneamente e calorosamente, aplaudiu a actuação do conjunto — cônscio e escrupuloso serventuário da música coral e, simultâneamente

Continua na página cinco

Serviços Municipalizados de Aveiro

ÁGUAS

AVISO

Avisam-se os Senhores Consumidores que, por Portaria do Ministério das Obras Públicas de 22 de Julho do ano transacto, foi aprovado um novo Regulamento do Serviço de Abastecimento de Água que entrará em vigor no mês corrente, conforme Edital de 20 de Dezembro último.

As novas tarifas e mínimos obrigatórios são os seguintes:

1 — Consumidores Domésticos

Rendimento colectável do prédio ou fogo ocupado	Mínimo mensal
— Até 200$00, quando peça a sua ligação voluntária	*2 m3*
— De 200$01 a 1 000$00	*2 m3*
— De 1 000$01 a 2 500$00	*3 m3*
— De 2 500$01 a 5 000$00	*5 m3*
— De 5 000$01 a 10 000$00	*8 m3*
— Superior a 10 000$00	*12 m3*

2 — Consumidores Industriais

Contribuição industrial anual	Mínimo mensal
— Até 1 000$00	*5 m3*
— De 1 000$01 a 3 000$00	*7 m3*
— De 3 000$01 a 6 000$00	*10 m3*
— De 6 000$01 a 12 000$00	*15 m3*
— Superior a 12 000$00	*20 m3*

3 — Consumidores Comerciais, Escritórios, Consultórios, ou outros semelhantes

Número de dispositivo de utilização da instalação	Mínimo mensal
— Até 6	*5 m3*
— De 7 a 12	*7 m3*
— Superior a 12	*10 m3*

PREÇOS DE ÁGUA

Categoria do consumidor	Preço por m3
— Domésticos	*3$50*
— Estabelecimentos comerciais, escritórios, consultórios, ou outros semelhantes	*3$50*
— Industriais	
Os primeiros 100 m3 do consumo mensal	*3$50*
Os 400 m3 seguintes do consumo mensal	*3$00*
O consumo mensal restante, além de 500 m3	*2$50*
— Entidades Particulares sem fins lucrativos	*00 a)*
— Serviços Oficiais	*3$00 a)*
— Serviços dos Corpos Administrativos	*3$00 a)*

a) Os Serviços Oficiais, os Serviços dos Corpos Administrativos e as Entidades Particulares sem fins lucrativos, com consumos próprios elevados, poderão optar pela tarifa de Consumidores Industriais.

Verifica-se que simultâneamente com a alteração das tarifas, se procedeu a uma nova estruturação dos mínimos obrigatórios, reduzindo o seu valor para elevado número de consumidores, ao mesmo tempo que se eliminou a obrigação do pagamento dos mínimos para alguns outros. Por este facto, a pesar da subida de preços registada, uma grande parte dos consumidores beneficiará duma baixa do preço médio de aquisição. Assim, os consumidores domésticos de menores recursos, a maioria dos consumidores comerciais, as pequenas indústrias e algumas agremiações, que têm sido onerados com mínimos elevados, sem consumirem, passarão a pagar apenas os consumos reais ou mínimos próximos destes.

Serviços Municipalizados de Aveiro, 5 de Janeiro de 1972.

A DIRECÇÃO

SEGUNDO «GRAU»

Continuação da primeira página

gem e sua responsabilidade». É um artigo de 17 páginas, da autoria de Gerard Fourez (sem ornamentos, quando tinha todo o direito a eles), da Faculdade de Notre Dame de la Paix, em Namur, cuja leitura tem muito interesse. Não podemos traduzi-lo mas, como amostra, indicamos um pequeno passo em que o Autor, depois de realçar a necessidade de tomar consciência das ambiguidades sociais, conclui:

«Sem esta tomada de consciência é de crer que «o melhor dos mundos» que Huxley descreveu há algumas décadas, nunca será uma realidade».

Há portanto em muitas regiões e países uma lamentável sintomatologia do «elitismo doutoral» e, sempre que surge uma doença com ganas de epidemia, todos nós temos a obrigação de lhe aplicar os soros, as vacinas e o termocautério.

A doença consiste em haver quem se julgue sem prestígio social se não exibir junto do nome um título académico de bom nível e, quando tem direito a um do primeiro grau, resolve saltar a barreira digna da modéstia para exibir outro a que não tem direito.

Não são apenas os nossos simpáticos Agentes Técnicos de Engenharia que estão doentes; há muitos outros indivíduos que poderiam «enfiar os barretes» que eles aceitaram. Simplesmente, os nossos Agentes Técnicos (desculpem a «amputação») foram sinceros, vieram para o terreiro público «acusar o toque» e, por isso mesmo, até foram simpáticos.

Espero agora que ponderem e venham enfileirar comigo, com Araújo e Sá, com Carvalho Homem e com Gerard Fourez, repudiando o tratamento de engenheiros a que não têm direito, como vamos ver. Se forem suficientemente corajosos para o fazerem, só sairão dignificados da praça público.

OS DICIONÁRIOS

Tentando poluir a atmosfera (estão na moda as poluições) os meus ilustres contraditores atiraram para o ar a poeira de uns tantos significados de vários dicionários, tentando demonstrar que são de facto engenheiros. Não demonstraram nada, até porque se esqueceram de que engenheiros são apenas os licenciados em engenharia por uma Escola Superior da especialidade.

Eu nem seu engenheiro nem tenho procuração para defender os que o são; mas a verdade é que os agentes técnicos de engenharia frequentaram uma escola não superior que lhes conferiu o título de agentes técnicos e não o de engenheiros. Como é que agora os dicionários têm poder para alterar as normas de uma estrutura escolar em que os meus opositores se integraram voluntàriamente, sabendo de antemão que, se tirassem o curso, seriam titulados como agentes técnicos de engenharia?

Mas, essa história (infeliz, como todo o arrazoado) fez-me saltar ao espírito um episódio com sabor anedótico, ocorrido há uma vintena de anos, nesta pacata terra de Aveiro.

Insisto em afirmar que não é anedota porque eu não responderia com anedotas a quem discordasse de mim, pelo respeito devido a quem me contradiz e ao Director e leitores do jornal.

Vamos ao caso.

Há no tipo zoológico dos Vermes, Subtipo dos Anelídeos, um animalzinho nosso conhecido que dá pelo nome de sanguessuga, cientificamente Hirudo, dotado de três maxilas córneas serrilhadas com as quais produz incisões na pele doutros animais para lhes sugar o sangue (assim explicaria o dicionário a origem da palavra sanguessuga).

O sangue dos animais sugados não coagula, ao passar para o aparelho digestivo da sanguessuga, porque esta tem a faculdade de produzir uma substância anti--coagulante chamada «hirudina».

Por isso, e enquanto se não pôde produzir por síntese essa mesma substância ou um seu sucedâneo, os laboratórios de produtos farmacêuticos extraíam-na das sanguessugas vivas, comprando-as por todo o preço onde quer que as houvesse.

Apanhavam-nas, metiam-nas em caixas de lata aos milhares e mandavam-nas por avião aos compradores.

Esteve esta actividade muito em voga por volta de 1950 e saíram de Lisboa alguns bons carregamentos dessa mercadoria. Foi então que um jornal de Aveiro repetiu a notícia vinda noutros periódicos, acrescentando por sua conta que este comércio era muito benéfico para nós por recebermos boas divisas da exportação destes «insectos aquáticos».

Houve logo uma «alma caridosa» que recortou e enviou a um jornal humorístico de Lisboa a noticiazinha e... foi o bom e o bonito com a chacota levantada à volta do assunto.

Foi então que o Autor do comentário, não se querendo dar por vencido, voltou a falar no problema para informar que ninguém tinha razão para o contrariar porque o Dicionário de Morais (também é citado pelos nossos amáveis opositores) assim tratava as sanguessugas.

E até era verdade.

Com efeito, na página 767 do Volume II do «Dicionário da Língua Portugueza» de António de Moraes Silva, lê-se: «SANGUESUGA (sic) — S. f. Insecto aquático da ordem dos anelídeos; pega-se aos animais e chupa-lhes o sangue, e por isso se emprega na sangria capilar; chama-se--lhe vulgarmente bicha».

Importa tirar deste pitoresco episódio duas ilações oportunas:

1.ª — Não podemos pedir aos dicionários mais do que aquilo para que eles foram feitos;

2.ª — Todos necessitamos de ter algumas luzes de taxonomia para sabermos as prateleiras em que devemos arrumar este ou aquele animal, do mesmo modo que temos obrigação de conhecer a posição que a cada homem cabe na Sociedade, de modo a poder acomodar-se na gaveta que lhe compete, sem tentativas de interferência nas gavetas dos outros.

É para isto que servem os dicionários!

E... continuaremos.

ORLANDO DE OLIVEIRA

Pano de Fundo

Continuação da primeira página

mas que é de agora. O passado é um hábito de que, por vezes, nos socorremos à míngua de elementos. Ano-novo vida nova são só palavras para ocupar espaço, sem qualquer significado (já reparou?). Não que sejamos pessimistas, mas a realidade que nos cerca não nos dá o direito de usufruirmos certas «regalias». E uma das realidades com que deparei, logo nos primeiros minutos do ano, foi que numa artéria das mais movimentadas de Lisboa, num curto espaço de 15 minutos, oito ambulâncias passaram diante dos meus olhos. «Vamos à conquista do Universo, sem termos ainda conseguido a paz na terra e o amor entre os homens». Homens, como somos, temos uma tarefa urgente a cumprir. Uma etapa a vencer. E a luta que diàriamente possamos travar é, já de si, uma vitória, uma alegria, porque nada existe no mundo mais belo, significativo e actuante do que vermos que na realidade estamos vivos.

Cá temos o 1972. Assim é. O egoísmo impele-nos para que a paz seja a nossa paz e o amor o nosso amor. Não desejo um ano-novo feliz. Façamos todos um feliz novo-ano. *Amen.*

Vários acontecimentos, e a todos os níveis, marcaram a vida da cidade no ano de 1971 que terminou. Não vamos aqui dar uma panorâmica desses acontecimentos, vamos só, e para já, focar dois aspectos que julgo importantes: o *VI Congresso do Ensino Liceal* e a exposição *AVEIRO-ARTE*. *Teatro* e *Cinema*, na cidade ficarão para a próxima vez.

Sobre o *Congresso* e depois de tudo o que, na altura, a Imprensa diária escreveu, resta-me repetir o que no *Correio do Vouga* escrevi, no dia 1 de Outubro do passado: que não se repita nunca mais o que se passou no *VI Congresso do Ensino Liceal*, onde o aluno trabalhou e não participou, porque lhe foi negada a respectiva participação. Isto abstraindo da pergunta de quem são os alunos que trabalharam. *Ensino* é formado por professor e aluno, o que quer dizer que o *VI Congresso do Ensino Liceal* foi apenas o iniciar (titubeante) de consciência de uma classe social: o professorado. Transcrevemos aqui, também, as palavras de um jovem, Carlos Ribeiro, publicadas no suplemento *Juvenil*, do jornal *República*, de 4/5/1971: «A confirmar a necessidade duma reforma do Ensino, realizou-se mais um congresso PARA PROFESSORES MAS NÃO PARA ALUNOS, quando devia ser para professores e alunos, porque o Ensino supõe sempre (ou deveria supor) o diálogo entre mestre e discípulo. Para começar uma verdadeira reforma devia-se começar pela reforma do próprio Congresso. Por que não podemos assistir às suas sessões? Para que é a reforma? De quem é a responsabilidade dos quadros de amanhã? Não queremos ser colaboradores activos do Congresso só porque colamos selos e copiamos documentos!... (e como recompensa um emblema que prima por ser bem visível). Já criámos anti-corpos para as retóricas estéreis. Aberrações! Mas eu não quero tirar os santos dos altares nem negar o tão prezado princípio *magister dixit*... parabéns senhores organizadores!».

Não queremos deixar de salientar que o acesso aos órgãos de informação só foi facultado à Imprensa diária (e elementos desta tiveram que mover meio mundo para entrar), Rádio e Televisão, e que a Imprensa dita regional não teve acesso, talvez por não ter, quem sabe, máquinas fotográficas. É desolador pensar-se assim. Pois foi assim que em Abril se passou. «É entrar, senhores, é entrar, quem não tiver cabeça não paga nada». 1971: Pum-pum!

AVEIR-ARTE, começou a ser em Outubro. Foi até fins de Novembro. Campanha publicitária lançada e mantida pela Imprensa citadina. 127 trabalhos apresentados, para 75 seleccionados. Selecção em mesa-redonda feita pelos próprios. Sentido de crítica e auto-crítica. Inserido no Clube dos Galitos, este movimento contemporâneo de arte em Aveiro foi presença e continuidade. Teve público, muito público, e visitas guiadas. Vimos a exposição, quando restavam poucos dias para o seu encerramento. Tínhamos regressado do estrangeiro, depois de ver alguns «picassos» e exposições em galerias. Mágoa nossa, e, dias antes do seu encerramento, não vimos AVEIRO-ARTE completa. Quadros retirados ou substituídos. AVEIRO-ARTE, de 30 de Outubro, não era a mesma de 12 de Novembro. Porquê? Bem perguntámos. Nada soubemos.

Acontecimento de vulto, deu motivo a muita parra e pouca uva. Muito se disse, muito se escreveu, mas nada ficou. De *AVEIRO-ARTE* só Gaspar Albino e o Dr. David Cristo não expuseram por motivos justificados. Arte é falar do homem. Não do nosso homem, mas do homem. A arte é sempre um conflito, conforme a sua missão social, a sua natureza ou a sua metodologia (Eisenstein). Eufrázio Filipe, no *Notícias de Amadora*, de 20/11/71, dividindo-se entre um comentário breve, mas significativo, e uma entrevista a um elemento do Movimento, pergunta (nós também), a propósito da realidade que *AVEIRO-ARTE* é: que realidade?

Perguntamos nós: *AVEIRO--ARTE* que objectivos terá na realidade dentro duma realidade? Segundo os seus organizadores e como se afirma no catálogo, *servir a Arte*. Se foi, na realidade, aquela *realidade* que nos foi dado ver no Aveirense, se foi uma presença que se deve registar, se como presença criou responsabilidades, importa reflectir nas tais responsabilidades que se criaram. Inserida numa realidade, é importante reproduzi-la urgentemente, para que as telas, os monos, os jarros e as flores, não fiquem a perder-se na memória como algo que não nos pertence. Porque todos somos telas, monos, jarros e flores. Importa dizer o que somos. Na entrevista acima citada, o entrevistado Jorge Trindade afirma, quando lhe perguntaram «a quem acha que deve, o artista, dirigir as suas obras», que: «o artista, na sua independência, não pode dirigir a sua obra a uma classe específica, uma vez que terá de ser o público a tentar compreender o artista e não este levar a arte à sua compreensão. Técnica e ideològicamente, o artista «forma-se» e o público, consoante a sua «formação, selecciona o artista». Ora, se me dão licença, eu não quero aqui afirmar que o artista tenha que sacrificar o valor das suas criações, e que necessàriamente tenha que sacrificar a sua qualidade. Quero dizer que se deve lutar em todos os sentidos para que o criador produza para o povo e para que este, por sua vez, possa elevar o seu nível cultural, a fim de acercar-se também ele dos criadores. Crê-se que este princípio aqui enunciado não contradiz as aspirações de nenhum artista e muito menos se tem em conta que os artistas devem criar para os seus contemporâneos. Ou não será? Já basta de história.

JESUS ZING

Teatro e Sentido Crítico

Continuação da primeira página

constituem o meio mais eficaz para explanar, destilando, os seus recalcamentos pessoais, ele (Luca de Tena) tentava demonstrar que o Teatro nada tem a ver com esse género de pessoas.

É claro que, aproveitando a deixa ou mesmo sob outro qualquer pretexto, não vou aqui pretender criticar a Crítica — no sentido lato da palavra — pois, para além de tudo, seria deslocado da minha parte e até certo ponto negativo entrar numa análise desse tipo. Respeito e considero muito os indivíduos que se dedicam a apreciar e discutir o trabalho de outrem, com o sentido básico que se impõe e se lhes exige: capacidade, construtivismo e isenção. Acho-os, na minha modesta opinião, importantes e mesmo indispensáveis.

As pessoas normalmente — e naturalmente — reagem de maneiras muito diversas depois de assistirem a um espectáculo de teatro: «Não gostei!» — afirmação irredutível, hermética e negativa, sem possibilidades de solução. «Não gostei porque...» — uma certa maleabilidade e sensibilidade, um pouco de análise. «O espectáculo foi mau, com interpretação fraca, encenação confusa e mastigada, com uma conjugação actores/cenografia absolutamente disparatada, etc.» — opinião que demonstra sentido crítico mais apurado, certos conhecimentos e tentativa de abertura completa com diálogo possível.

Lògicamente, a análise acima feita às apreciações citadas funciona dentro da mesma bitola quando elas são favoráveis ao espectáculo exibido, já que o facto de se apresentarem aqui todas negativas serve apenas como um exemplo.

É indiscutível que o sentido crítico existe em toda a gente, com maior ou menor grau de apuro ou lucidez; todas as pessoas são capazes de dizer sim ou não a qualquer coisa. Mas, evidentemente, é necessário ter capacidade para julgar e analisar com pormenor crítico profundo e válido, numa generalidade, determinado trabalho, alicerçado em conhecimentos e contactos; naturalmente que será também indispensável dedicar muito tempo — e muito entusiasmo — a embrenhar-se cada vez mais no sector, enriquecendo assim as possibilidade de julgamento imparcial, honesto e altamente positivo. É lógico e racional. No entanto, nada impede que cada um possa ter a sua própria opinião, muito pessoal. Que não pode servir de bitola para nada. A não ser para a pessoa que a emite. Salvo em casos ou situações de excepção. (B. Brecht dava a ler a sua poesia a uma velha camponesa e rectificava tudo aquilo que ela não entendia, não porque acreditasse nas virtudes toscas da velha mulher, mas sim porque queria que tudo que escrevesse fosse claro para toda a gente).

Naturalmente, dentro deste campo, existem vários tipos de analistas de teatro: «críticos de molde», que são como a água, adaptável a todas as formas. Ou à mais conveniente na altura. «Críticos de fogachos» ou «de ocasião», etc.». Até certo ponto pertiriam mencionar, mas todos eles são tão negativos que realmente nem valia a pena enunciar nenhum.

Já li qualquer coisa a propósito das funções da crítica, onde se alvitrava «que os responsáveis, depois de consumada uma estreia, deveriam reunir-se para estudarem e discutirem em conjunto o corpo do trabalho de cada um, através de um colectivismo bem arejado, de uma honesta troca de impressões que os levasse a um resultado (resultados) sólido e o mais coerente (coerentes) possível». Segundo a opinião do articulista, «evitaria o que muitas vezes sucede: desmembramento de critérios, análises precipitadas e tendenciosas, polémicas estéreis, etc». Até certo ponto, pertinente e curioso o alvitre.

Posso até mencionar o facto de, um dia, em conversa amena com um conhecido homem de teatro (dramaturgo, crítico, tradutor, etc.) e na qual participavam mais outros indivíduos ligados à arte de representar, ter ouvido da sua boca este quase desabafo: «Nós, os homens da pena crítica, e que vamos para as estrelas de caneta em riste como se fosse uma espada, devíamos publicar as nossas apreciações depois de ver o espectáculo várias vezes e deixar amadurecer o nosso trabalho crítico durante uns tempos. Depois, sim, enviá-lo-íamos para os jornais com a certeza de nada mais haver a tirar ou a acrescentar, já que, quanto a nós, estava finalmente completo. Como normalmente procedemos (publicação a seguir à estreia) corremos sempre o grave risco de cairmos na «crítica de impressão», perniciosa e negativa».

Sabe-se que não é fácil apreciar, criticando no sentido positivo e válido da palavra, um espectáculo de Teatro. Na confusão babilónica que grassa no nosso meio teatral — onde as peças apresentadas, quase sempre quando agradam ao público em geral são àsperamente causticadas pela crítica ou vice-versa — a conciliação palco/público/crítica dificilmente se conseguirá enquanto as pessoas não se convencerem de que, para além da natural análise e apreciação pessoal, deve existir um mínimo de abertura, capacidade e respeito pelo trabalho dos outros e, por outro lado, no tocante aos responsáveis, uma clareza e integridade total na execução dos seus espectáculos, bem como no julgamento dos mesmos.

JOSÉ JÚLIO FINO

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado . . .	OUDINOT
Domingo . . .	NETO
2.ª-feira	MOURA
3.ª-feira	CENTRAL
4.ª-feira . . .	MODERNA
5.ª-feira . . .	ALA
6.ª-feira . . .	AVEIRENSE

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

POSSE DA NOVA JUNTA DISTRITAL

Na tarde de ontem, realizou-se a cerimónia pública da posse dos dirigentes da nova Junta Distrital de Aveiro.

Do acontecimento daremos mais desenvolvida notícia.

BANDA DO INTERNATO

Segundo informação telegráfica recebida pela Direcção do Internato Distrital de Aveiro, a R. T. P. transmitirá, na próxima quinta-feira, 20, ás 19.45 horas, um dos concertos ali gravados pela creditada Banda Juvenil do Internato, de que é competente e dinâmico regente o sr. Severino dos Anjos Vieira.

MOVIMENTO NACIONAL FEMININO

De acordo com a resolução já a alguns meses anunciada, a Comissão Distrital do Movimento Nacional Feminino continuará este ano a promover a celebração de missas por intenção dos militares mortos e em serviço de soberania — missas que serão rezadas todas as primeiras sextas-feiras de cada mês, pelas 8.30 horas, na igreja de Santo António.

ACTIVIDADES DA BRIGADA DE TRÂNSITO DA G. N. R.

Durante o mês de Dezembro último, a Brigada de Trânsito da G. N. R. desta cidade realizou 90 patrulhas, que percorreram cerca de 10 500 quilómetros em serviços de fiscalização na área do distrito. A sua acção fiscalizadora incidiu sobre 3 803 veículos, tendo sido levantadas 368 autos por infracções diversas.

Durante aquele período, foram apreendidos 8 veículos e 24 cartas e licenças, tendo-se registado 15 acidentes de trânsito de que resultaram 3 mortos e 14 feridos.

FESTEJOS A S. SEBASTIÃO

Nos dias 20, 22, 23 e 24 do corrente, realizam-se nesta cidade, no Bairro de Sá, os tradicionais festejos em honra do mártir S. Sebastião.

Amanhã, domingo, haverá um «cortejo de pastorinhas», que sairá, pelas 12 horas, do quartel dos «Bombeiros Novos», seguindo o itinerário costumado em direcção à antiquíssima capelinha da Senhora da Alegria, onde serão arrematadas as ofertas.

O prestante programa das festividades, já tornado público, é o seguinte: *dia 20* — às 8 e às 12 horas, salva de morteiros; às 19, missa, por intenção dos habitantes já falecidos daquele bairro; *dia 22* — às 9 horas, salva de 21 tiros, a anunciar a continuação dos festejos, e chegada de um grupo musical que percorrerá as ruas da cidade; *dia 23* — às 9 horas, a Banda do Internato Distrital percorrerá as ruas do bairro; às 15 horas, missa solene, acompanhada pela capela da Banda do Internato, com pregação por um conhecido orador sacro; depois da missa, sairá a procissão e, às 21 horas, haverá um arraial nocturno, que terá a participação das bandas Amizade e Nova, esta de Ílhavo; *dia 24* — às 9 horas, nova salva de 21 tiros anunciará o último dia dos festejos; às 16 horas, dar-se-á início às «cavalhadas» e a diversos divertimentos; seguidamente, será feita a entrega dos ramos aos mordomos que servirão para o ano de 1973; e, finalmente, às 21 horas, realiza-se o último dos números das festas, com a participação dos conjuntos musicais «Danúbio», de Aveiro, e «Imperial», de Vagos.

ENCONTROS SACERDOTAIS

Na sequência dos já realizados em Sever do Vouga, Vagos, Ílhavo, Anadia, Oliveira do Bairro, Agueda e Albergaria-a-Velha, vão efectuar-se mais os seguintes encontros sacerdotais, nas datas que também se indicam: em Estarreja e na Murtosa, na segunda-feira próxima, dia 17; e, em Aveiro, pelas 10 horas de terça-feira, 18, no Centro Paroquial de S. Bernardo.

RECTIFICAÇÃO

No artigo «Perfil dum grande Aveirense», aqui publicado na semana transacta e da autoria do sr Dr. Augusto Barata da Rocha, houve erro, por manifesto lapso do revisor, que torna incompreensível o período que a seguir se transcreve, agora devidamente rectificado:

«Esta figura admirável e profundamente cristã, que sabia, como ninguém, amar e perdoar, lutar e sofrer, amparar e respeitar, morreu dramática e precocemente, vitimado por uma crise cardíaca, com quarenta anos apenas, deixando por completar uma vasta obra que, de certeza, levaria a bom termo».

FALECERAM:

D. FELICIDADE DE JESUS

A meio da tarde de 9 do corrente, faleceu em Aveiro a sr.ª D. Felicidade Henriques de Jesus.

A saudosa extinta era natural da freguesia de Canelas, concelho de Estarreja; mas residia há muito em Aveiro, onde granjeou geral estima, por suas virtudes e qualidades.

Contava 77 anos de idade. Deixa viúvo o sr. José Ferrão («José da Adega»); era mãe das sr.as D. Maria Henriques Ferrão e D. Eulália de Jesus Henriques e sogra dos srs. Hernâni Ferreira Jorge e Manuel Augusto Marques Mano.

O funeral realizou-se no dia imediato, após missa de corpo-presente na igreja da Misericórdia, para o Cemitério Sul.

ANSELMO LOPES

Foi a sepultar na manhã de terça-feira última o sr. Anselmo José Lopes Ferreira, que falecera, na noite da antevéspera, 9 do corrente.

O extinto era natural de Arcozelo das Maias, concelho de Oliveira de Frades; mas veio para Aveiro, ainda menino, chamado por uma tia, a «senhora Aninhas» (como era conhecida), que prestava serviços no antigo convento das Carmelitas; e veio para servir também as religiosas, que se lhe aperfeiçoaram e nele confiaram a ponto de, mais tarde, o encarregarem de parte dos seus interesses temporais, designadamente depois da implantação da República. Extintos, então, os conventos em Portugal, também as Carmelitas de Aveiro tiveram que deixar a clausura; foram para Espanha — e para ali fez muitas viagens o sr. Anselmo Lopes, sempre ligado às protectoras da sua infância. Ainda, e até há pouco, ele visitava, em Viana do Castelo, duas venerandas senhoras, as últimas freiras vivas do convento aveirense, que quiseram acabar os seus dias na pátria.

Sacristão e guarda devotadíssimo da igreja de S. João Evangelista — o belo templo que serviu à comunidade religiosa — o sr. Anselmo Lopes viu-o encerrado nos cinco anos posteriores ao advento do novo regime, sendo incansável nas diligências pela sua reabertura, que veio a verificar-se em 1915; e sempre zelou, quanto pôde, aquela igreja — um monumento nacional votado ao mais deplorável abandono! —, vivendo alanceado, particularmente nos últimos anos da sua vida, porque os condicionalismos legais que impendem sobre monumentos classificados o impediam de evitar a progressiva ruína da sua igreja. Não só: o sr. Anselmo Lopes, sustentou, com sua diligência e pela sua bolsa, o culto religioso naquele templo, ali promovendo, designadamente, numerosas festividades, para as quais sempre chamou famosos oradores sagrados.

Com notável tenacidade, dedicou-se à indústria: primeiro, no fabrico de barriquinhas para ovos-moles, tendo patenteado um curioso sistema de produção; depois, a outros ramos, designadamente à moagem, chegando à gerência de importantes empresas, uma delas em Ovar, onde precisamente adoecera poucos dias antes do falecimento.

O sr. Anselmo José Lopes Ferreira completaria em Junho próximo 85 anos de idade. Deixa viúva a sr.ª D. Maria Eduarda da Cunha Pereira Lopes; e era pai das senhoras Dr.ª Maria de Lourdes e D. Maria Luísa Pereira Lopes e do sr. Eng.º António Pereira Lopes.

O funeral realizou-se, após missa de corpo-presente na igreja das Carmelitas, para o Cemitério Central.

Correios e Telecomunicações de Portugal

AVISO

Através de estudos estatísticos, prèviamente realizados pelos serviços especializados desta Empresa, concluiu-se que, em certos períodos de trabalho das Estações dos CTT, a procura efectiva de serviços, por parte do público, se confina a números de baixo índice de utilização.

Por outro lado e dentro da política social hoje generalizada, encarou-se a possibilidade de humanizar os horários de trabalho em vigor na Empresa sem que, do facto, venha a resultar prejuizos das necessidades reais do momento, ressalvando-se, portanto, os interesses essenciais do público.

Deste modo se anuncia que, a partir do próximo dia 15 de Janeiro de 1972, os horários normais de abertura ao público das Estações dos CTT passarão a ser os seguintes:

No Concelho de: AVEIRO

Estações com Horário Completo — 2.ª a 6.ª Feira — 9 às 19
Sábado — 9 às 17

AVEIRO, AVEIRO AVENIDA (a)

Estações com Horário Limitado — 2.ª a 6.ª Feira — 9 às 13 e 14 às 18
Sábado — 9 às 13

CACIA, COSTA DO VALADO, EIXO, ESGUEIRA (AVEIRO)
S. JACINTO (AVEIRO)

Nota — A Estação de Aveiro à qual no sábado é atribuido o horário das 9 às 17, atrás referido, não executará no período das 13 às 17 os seguintes serviços:

— Aceitação e entrega de encomendas postais
— Emissão e pagamento de vales postais
— Caixa Económica Postal
— Cobrança relativa a objectos e títulos

(a) — Esta Estação encerra às 13 horas ao sábado

Vende-se ou aluga-se

— casa, a acabar de construir, com 4 habitações; 1.º e 2.º andares, direito e esquerdo; 4 garagens e 2 armazéns que servem para estabelecimentos (com montras), na Rua D. Duarte, na Gafanha da Cale da Vila.

Tratar com: Pescarias Rio Novo do Principe — Telefone 23257, AVEIRO

Caixa de Previdência e Abono de Fam[ília do Distrito de] Aveiro

AVISO

Para conhecimento de e[...]ssados, informa-se que esta Caixa aceita[...], pelo prazo de 20 dias a contar da da[...], para preenchimento de vaga de "ENF[...] Posto Clínico de Eixo.

Nos seus requertmeutos [...]eressados indicar para além dos hab[...]tos de identificaçao, incluindo o número [...]lissional de que sejam tiiulares, as [...]des patronais para que tenham trabalha[...]

Aveiro, 3 de Jan[...]

O PRE[...]

Pascoal & Filhos, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de 30 de Dezembro de 1971, inserta de fls. 50 v.º a 54 do livro de notas para Escrituras Diversas C-n.º 17 ,deste Cartório, os sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade, limitada, em Aveiro, «PASCOAL & FILHOS, LIMITADA», alteraram parcialmente o pacto social da dita sociedade, substituindo a redacção do art.º 4.º respeitante ao capital e do art.º 8.º, respeitante à gerência, aditando a este artigo um parágrafo, que será o único e aditando ainda um parágrafo ao art.º 6.º que será o 2.º, passando o seu actual parágrafo único a ser o 1.º, ficando a redacção dos referidos artigos e parágrafos a ser a seguinte:

Artigo Quarto — O capital social, integralmente realizado em dinheiro e nos demais valores sociais é de quinze milhões de escudos, dividido em cinco quotas, sendo uma de quatro milhões e quinhentos mil escudos, pertencente em comum e partes iguais aos sócios Manuel Pascoal e Mário Pascoal, uma de três milhões de escudos pertencente à própria sociedade e três de dois milhões e quinhentos mil escudos cada uma, delas pertencendo uma em comum e partes iguais aos sócios Manuel Pascoal e Mário Pascoal, outra em comum e partes iguais aos sócios Mário Pascoal e Maria Madalena Sousa Ramos Pascoal e autra aos sócios António Manuel Pais de Sousa Pascoal e Manuel Pascoal, em comum e na proporção de três quartas partes para aquel[...]arta parte para [...]

O [...]ico do art.º 6.º pa[...]º.

Pa[...]gundo do mesm[...]o: Após o falec[...]io Manuel Pasc[...]de cederá ao ou[...]s legitimários [...] lhes convier, [...]ota do valor n[...]s mil contos p[...]ida a este sócio Mário Pascoal, verificando també[...]alecimento deste [...]o à outra metad[...] que será igual[...] aos seus herde[...]ios. Se forem [...]os legitimário[...] dos ditos sócios [...]eita a cessão e[...]s. O preço de ca[...]as cessões será i[...]e do preço que [...]pagou pela aquisi[...].

A[...] — A sociedade [...]ntada em juízo [...]tiva e passivam[...]os os sócios, [...]neados gerentes [...]sa de caução. [...]ciedade fique [...]cessário e suficie[...]natura de qualq[...]entes Manuel [...]Mário Pascoal.

Pa[...]o — Os gerentes [...]coal e Máriorio [...]erão delegar [...]ntidos no corpo [...] em qualquer [...]s gerentes ou ai[...]essoas mas apenas [...]ilidade daqueles.

Es[...] ao original.

Av[...] Dezembro de 197[...]

L[...] Ratola

Aconteceu...

Continuação da primeira página

lectividade, pois nada mais traduz do que a exibição pura e simples de algumas dúzias de mocinhas mais ou menos vestidas ou mais ou menos despidas...

Talvez não andemos muito arredios da verdade ao afirmar tratar-se de uma psicose, de uma loucura generalizada, susceptível de levar tanta e tão boa gente à alucinação...

Não ignoramos, todavia, que há quem defenda tratar-se de uma experiência inofensiva, e agradável, autêntica competição desportiva em que aquelas que nela tomam parte se recomendam pelo que apresentam e mostram...

Sabemos também que há quem afirme estar em causa uma banal manifestação de beleza física — pois os predicados morais não contam! —, à semelhança dos antigos jogos romanos ou helénicos. Outros pretendem demonstrar, e não o ignoramos também, que tais concursos são autênticas composições de corpos e movimentos, com um arranjo musical hàbilmente adequado, à semelhança do que sucede em certos espectáculos coreográficos.

Seja como for, e diga-se o que se disser, o certo é que os puritanos encaram os concursos de beleza como atentados contra o pudor; os virtuosos vêem neles uma exploração do corpo feminino; os despeitados não os aceitam, ou porque não tenham recebido convite ou porque acham demasiado caros os bilhetes da primeira fila; os meninos inexperientes saboreiam a natural timidez das jovens concorrentes; os gozões divertem-se como autênticos bobos, à semelhança do que experimentam no circo, no baile, no jantar de cerimónia — ou no funeral...

Não deixamos, todavia, de pensar no aspecto positivo dos concursos de beleza, se os encararmos como uma possibilidade de uma mudança de vida, muito semelhante, aliás, a um casamento rico, a uma profissão rendosa, a um curso universitário. Contudo, apressamo-nos a acrescentar que tal aspecto positivo de um concurso de beleza física deveria constituir o complemento de um Concurso do Tipo Ideal. *E assim pensamos, quanto mais não seja, porque reconhecemos que se vive num mundo de permanente competição, onde os concursos públicos são os processos menos susceptíveis de se julgar com injustiça e parcialidade.*

ARAÚJO E SÁ

Pinheiros... e Natal

Continuação da primeira página

nas árvores desta espécie que a indústria do país consome).

Ora, diante do que exponho, e com boa intenção, não se poderia (pergunto) substituir, na época do Natal, os pinheirinhos das gândaras por similares artificiais que, para o efeito, daria o mesmo resultado, e a Nação — este Portugal de todos nós — deixaria de sofrer na sua economia esse grande prejuízo?

Com um pouco de compreensão e alguma boa vontade, não se poderia? senhores que mandam...

Janeiro — 1972

L. M. M.

Coral Vera Cruz

Continuação da primeira página

e consequentemente, motivo de orgulho para os Aveirenses.

As trinta e quatro vozes, masculinas e femininas, distribuídas pelos quatro naipes, sob proficiente direcção de Fernando de Morais Sarmento e com esclarecedora apresentação do irmão deste, Evangelista de Morais Sarmento, não cantaram simplesmente: interpretaram, dando cor própria e aliciante, a textos de J. S. Bach, Neumark, Gruber, Mendelssohn e a harmonizações de Sampaio Ribeiro e Gavaert. Foi um espectáculo inolvidável — não só promissor, se não promissor de maiores êxitos.

No final da primeira parte, e em extra, o CORAL fez-se ouvir, só com vozes masculinas, em número de polifonia religiosa; e, no fim, também extra-programa, deliciou o auditório com três canções, de temática local, muito da antiga predilecção da gente da Ria.

Está de parabéns o CORAL VERA CRUZ e está Aveiro de parabéns. Vai daqui também um aceno de simpatia e aplauso para a Câmara Municipal, que a este magnífico concerto deu a sua colaboração; e, porque de tal terá de orgulhar-se, certamente continuará a dispensar à excelente organização artistica o mais franco incentivo, com o seu decidido, permanente e efectivo apoio.

50 anos do BEIRA-MAR

Continuação da penúltima página

dadores presentes, evocando sócios e dirigentes de várias gerações, que felicitou do mesmo modo que dirigiu parabéns a quantos — atletas e dirigentes — honram o clube, sabendo defender as suas cores. Recordou que a Câmara deliberara, na sua primeira reunião do ano corrente, dar o nome do Sport Clube Beira-Mar a uma artéria da cidade, por entender, unânimemente, ser essa homenagem acto de elementar justiça, prémio justo para o muito que o Beira-Mar tem feito por Aveiro, ao longo de cinquenta anos de operosa existência, que transcendeu mesmo as fronteiras da cidade e do País. A concluir, disse ainda que, em vista da obra grandiosa a que o Beira-Mar se votou, ao edificar o Pavilhão de Desportos, a Câmara decidira conceder-lhe um novo subsídio, de 150 contos, para esse empreendimento — perfazendo, portanto, meio milhar de contos a verba que a Câmara dispende com o Pavilhão do Beira-Mar.

Fechando a série de brindes, o sr. Dr. Francisco do Vale Guimarães recordou, como aveirense, a criação e os primeiros passos do Beira-Mar, «clube que era um pedaço da sua própria vida e do seu coração». Depois, como Governador Civil, acentuou que o Governo da Nação havia encarado do melhor modo a construção do excelente recinto beiramarense, através de donativos e subsídios vultosos, estando seguro de que, por modo semelhante, não deixaria de considerar as futuras obras complementares já projectadas. Falou da projecção a que o Beira-Mar se alcandorara, por mérito insofismável, dos seus atletas e da sua admirável equipa de dirigentes; saudou os sócios fundadores e demonstrou viva satisfação pela presença, na festa do Beira-Mar, de todos os clubes aveirenses — sinal da forte união de boas-vontades dos desportistas da nossa terra. A concluir, redigiu e leu o texto dum telegrama-convite ao Sr. Almirante Américo Tomás, saudando-o e exprimindo-lhe o desejo da sua presença nas cerimónias inaugurais do Pavilhão de Desportos do Beira-Mar.

Junta Distrital de Aveiro

AVISO

Faz-se público que no dia 11 de Fevereiro de 1972, pelas 21,30 horas, no edifício da Junta Distrital e Sala das Sessões, se procederá novamente ao concurso público para adjudicação do fornecimento e montagem da equipamento da cozinha e lavandaria do Internato Distrital de Aveiro, em virtude de o concurso anterior não ter produzido quaisquer efeitos.

Base de Licitação ...... 393.990$00
Depósito Provisório .... 9.850$00

As propostas, devidamente instruídas, nos termos do respectivo programa de concurso, deverão ser enviadas em sobrescrito lacrado, pelo correio, sob registo e com aviso de recepção, ou entregues contra recibo até à hora marcada para a realização do concurso.

O depósito definitivo será de cinco por cento do valor da adjudicação.

O programa do concurso, novo caderno de encargos e desenhos estão patentes nos Serviços Técnicos de Fomento às horas de expediente.

Junta Distrital de Aveiro, 8 de Janeiro de 1972

O Presidente da Junta,
José Gamelas Júnior

PADRE JOSÉ MARIA CARLOS

Encontra-se internado na Clínica de Santa Filomena, em Coimbra, onde foi operado no dia 3 do corrente, o sr. Padre José Maria Carlos, antigo pároco da freguesia da Glória, actualmente a exercer funções na Câmara Eclesiástica da Diocese e de capelão na igreja das Carmelitas.

Ao virtuoso sacerdote desejamos pronto e completo restabelecimento.

NASCIMENTO

No dia 25 do mês transacto, nasceu, em Naugatuck, nos Estados Unidos da América do Norte, primeiro filhinho ao casal da sr.ª D. Maria Regina Picado Rodrigues e do sr. Manuel Rodrigues.

Ao menino, que é neto materno do conhecido alfaiate-costureiro aveirense sr. Américo Picado, será dado o nome de Paulo Manuel.

DE FÉRIAS

Esteve nesta cidade, com sua esposa e filhinhos, em gozo de merecidas férias, o aveirense sr. Manuel Pereira de Melo, radicado, há cerca de 18 anos, na África do Sul, que, por nosso intermédio, apresenta os seus cumprimentos de despedida a todos os amigos a quem não pôde fazê-lo pessoalmente.

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro

AVISO

Avisam-se os eventuais interessados que se aceitam requerimentos pelo prazo de 20 dias a contar da data do presente aviso, para preenchimento de vaga de "Enfermeira" no Posto Clínico de Albergaria-a-Velha.

Nos seus requerimentos devem indicar, para além dos elementos habituais, o número da carteira profissional, bem como as últimas entidades para quem tenham trabalhado.

Aveiro, 3 de Janeiro de 1972

O PRESIDENTE

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado . . .	OUDINOT
Domingo . . .	NETO
2.ª-feira	MOURA
3.ª-feira	CENTRAL
4.ª-feira . . .	MODERNA
5.ª-feira . . .	ALA
6.ª-feira . . .	AVEIRENSE

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

POSSE DA NOVA JUNTA DISTRITAL

Na tarde de ontem, realizou-se a cerimónia pública da posse dos dirigentes da nova Junta Distrital de Aveiro.

Do acontecimento daremos mais desenvolvida notícia.

BANDA DO INTERNATO

Segundo informação telegráfica recebida pela Direcção do Internato Distrital de Aveiro, a R. T. P. transmitirá, na próxima quinta-feira, 20, ás 19.45 horas, um dos concertos ali gravados pela creditada Banda Juvenil do Internato, de que é competente e dinâmico regente o sr. Severino dos Anjos Vieira.

MOVIMENTO NACIONAL FEMININO

De acordo com a resolução já a alguns meses anunciada, a Comissão Distrital do Movimento Nacional Feminino continuará este ano a promover a celebração de missas por intenção dos militares mortos e em serviço de soberania — missas que serão rezadas todas as primeiras sextas-feiras de cada mês, pelas 8.30 horas, na igreja de Santo António.

A CIDADE

ACTIVIDADES DA BRIGADA DE TRÂNSITO DA G. N. R.

Durante o mês de Dezembro último, a Brigada de Trânsito da G N. R. desta cidade realizou 90 patrulhas, que percorreram cerca de 10 500 quilómetros em serviços de fiscalização na área do distrito. A sua acção fiscalizadora incidiu sobre 3 803 veículos, tendo sido levantadas 368 autos por infracções diversas.

Durante aquele período, foram apreendidos 8 veículos e 24 cartas e licenças, tendo-se registado 15 acidentes de trânsito de que resultaram 3 mortos e 14 feridos.

FESTEJOS A S. SEBASTIÃO

Nos dias 20, 22, 23 e 24 do corrente, realizam-se nesta cidade, no Bairro de Sá, os tradicionais festejos em honra do mártir S. Sebastião.

Amanhã, domingo, haverá um «cortejo de pastorinhas», que sairá, pelas 12 horas, do quartel dos «Bombeiros Novos», seguindo o itinerário costumado em direcção à antiquíssima capelinha da Senhora da Alegria, onde serão arrematadas as ofertas.

O prestante programa das festividades, já tornado público, é o seguinte: *dia 20* — às 8 e às 12 horas, salva de morteiros; às 19, missa, por intenção dos habitantes já falecidos daquele bairro; *dia 22* — às 9 horas, salva de 21 tiros, a anunciar a continuação dos festejos, e chegada de um grupo musical que percorrerá as ruas da cidade; *dia 23* — às 9 horas, a Banda do Internato Distrital percorrerá as ruas do bairro; às 15 horas, missa solene, acompanhada pela capela da Banda do Internato, com pregação por um conhecido orador sacro; depois da missa, sairá a procissão e, às 21 horas, haverá um arraial nocturno, que terá a participação das bandas Amizade e Nova, esta de Ílhavo; *dia 24* — às 9 horas, nova salva de 21 tiros anunciará o último dia dos festejos; às 16 horas, dar-se-â início às «cavalhadas» e a diversos divertimentos; seguidamente, será feita a entrega dos ramos aos mordomos que servirão para o ano de 1973; e, finalmente, às 21 horas, realiza-se o último dos números das festas, com a participação dos conjuntos musicais «Danúbio», de Aveiro, e «Imperial», de Vagos

ENCONTROS SACERDOTAIS

Na sequência dos já realizados em Sever do Vouga, Vagos, Ílhavo, Anadia, Oliveira do Bairro, Agueda e Albergaria-a-Velha, vão efectuar-se mais os seguintes encontros sacerdotais, nas datas que também se indicam: em Estarreja e na Murtosa, na segunda-feira próxima, dia 17; e, em Aveiro, pelas 10 horas de terça-feira, 18, no Centro Paroquial de S. Bernardo.

RECTIFICAÇÃO

No artigo «Perfil dum grande Aveirense», aqui publicado na semana transacta e da autoria do sr Dr. Augusto Barata da Rocha, houve erro, por manifesto lapso do revisor, que torna incompreensível o período que a seguir se transcreve, agora devidamente rectificado:

«Esta figura admirável e profundamente cristã, que sabia, como ninguém, amar e perdoar, lutar e sofrer, amparar e respeitar, morreu dramática e precocemente, vitimado por uma crise cardíaca, com quarenta anos apenas, deixando por completar uma vasta obra que, de certeza, levaria a bom termo».

FALECERAM:

D. FELICIDADE DE JESUS

A meio da tarde de 9 do corrente, faleceu em Aveiro a sr.ª D. Felicidade Henriques de Jesus.

A saudosa extinta era natural da freguesia de Canelas, concelho de Estarreja; mas residia há muito em Aveiro, onde granjeou geral estima, por suas virtudes e qualidades.

Contava 77 anos de idade. Deixa viúvo o sr. José Ferrão («José da Adega»); era mãe das sr.as D. Maria Henriques Ferrão e D. Eulália de Jesus Henriques e sogra dos srs. Hernâni Ferreira Jorge e Manuel Augusto Marques Mano.

O funeral realizou-se no dia imediato, após missa de corpo-presente na igreja da Misericórdia, para o Cemitério Sul.

ANSELMO LOPES

Foi a sepultar na manhã de terça-feira última o sr. Anselmo José Lopes Ferreira, que falecera, na noite da antevéspera, 9 do corrente.

O extinto era natural de Arcozelo das Maias, concelho de Oliveira de Frades; mas veio para Aveiro, ainda menino, chamado por uma tia, a «senhora Aninhas» (como era conhecida), que prestava serviços no antigo convento das Carmelitas; e veio para servir também as religiosas, que se lhe aperfeiçoaram e nele confiaram a ponto de, mais tarde, o encarregarem de parte dos seus interesses temporais, designadamente depois da implantação da República. Extintos, então, os conventos em Portugal, também as Carmelitas de Aveiro tiveram que deixar a clausura; foram para Espanha — e para ali fez muitas viagens o sr. Anselmo Lopes, sempre ligado às protectoras da sua infância. Ainda, e até há pouco, ele visitava, em Viana do Castelo, duas venerandas senhoras, as últimas freiras vivas do convento aveirense, que quiseram acabar os seus dias na pátria.

Sacristão e guarda devotadíssimo da igreja de S. João Evangelista — o belo templo que serviu à comunidade religiosa — o sr. Anselmo Lopes viu-o encerrado nos cinco anos posteriores ao advento do novo regime, sendo incansável nas diligências pela sua reabertura, que veio a verificar-se em 1915; e sempre zelou, quanto pôde, aquela igreja — um monumento nacional votado ao mais deplorável abandono! —, vivendo alanceado, particularmente nos últimos anos da sua vida, porque os condicionalismos legais que impendem sobre monumentos classificados o impediam de evitar a progressiva ruína da sua igreja. Não só: o sr. Anselmo Lopes, sustentou, com sua diligência e pela sua bolsa, o culto religioso naquele templo, ali promovendo, designadamente, numerosas festividades, para as quais sempre chamou famosos oradores sagrados.

Com notável tenacidade, dedicou-se à indústria: primeiro, no fabrico de barriquinhas para ovos-moles, tendo patenteado um curioso sistema de produção; depois, a outros ramos, designadamente à moagem, chegando à gerência de importantes empresas, uma delas em Ovar, onde precisamente adoecera poucos dias antes do falecimento.

O sr. Anselmo José Lopes Ferreira completaria em Junho próximo 85 anos de idade. Deixa viúva a sr.ª D. Maria Eduarda da Cunha Pereira Lopes; e era pai das senhoras Dr.ª Maria de Lourdes e D. Maria Luísa Pereira Lopes e do sr. Eng.º António Pereira Lopes.

O funeral realizou-se, após missa de corpo-presente na igreja das Carmelitas, para o Cemitério Central.

Caixa de Previdência e Abono de Fam[illegible] Aveiro

AVIS[illegible]

Para conhecimento de e[illegible]ados, informa-se que esta Caixa aceita[illegible] pelo prazo de 20 dias a contar da da[illegible] para preenchimento de vaga de "ENF[illegible] Posto Clínico de Eixo.

Nos seus requertmeutos [illegible]ressados indicar para além dos hab[illegible]os de identiticaçao, incluindo o número [illegible]issional de que sejam tiiulares, as ú[illegible]es patronais para que tenham trabalh[illegible]

Aveiro, 3 de Ja[illegible]

O PRE[illegible]

Pascoal & Filhos, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de 30 de Dezembro de 1971, inserta de fls. 50 v.º a 54 do livro de notas para Escrituras Diversas C-n.º 17 ,deste Cartório, os sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade, limitada, em Aveiro, «PASCOAL & FILHOS, LIMITADA», alteraram parcialmente o pacto social da dita sociedade, substituindo a redacção do art.º 4.º respeitante ao capital e do art.º 8.º, respeitante à gerência, aditando a este artigo um parágrafo, que será o único e aditando ainda um parágrafo ao art.º 6.º que será o 2.º, passando o seu actual parágrafo único a ser o 1.º, ficando a redacção dos referidos artigos e parágrafos a ser a seguinte:

Artigo Quarto — O capital social, integralmente realizado em dinheiro e nos demais valores sociais é de quinze milhões de escudos, dividido em cinco quotas, sendo uma de quatro milhões e quinhentos mil escudos, pertencente em comum e partes iguais aos sócios Manuel Pascoal e Mário Pascoal, uma de três milhões de escudos pertencente à própria sociedade e três de dois milhões e quinhentos mil escudos cada uma, delas pertencendo uma em comum e partes iguais aos sócios Manuel Pascoal e Mário Pascoal, outra em comum e partes iguais aos sócios Mário Pascoal e Maria Madalena Sousa Ramos Pascoal e autra aos sócios António Manuel Pais de Sousa Pascoal e Manuel Pascoal, em comum e na proporção de três quartas partes para aque[illegible]rta parte para [illegible]

O[illegible] do art.º 6.º [illegible]

P[illegible]ndo do mes[illegible]: Após o falec[illegible] Manuel Pasc[illegible]e cederá ao [illegible] legitimários [illegible]lhes convier, [illegible]ta do valor [illegible] mil contos [illegible]da a este sócio [illegible]ário Pascoal, [illegible]rificando tamb[illegible]ecimento deste [illegible] à outra meta[illegible] que será igual[illegible] aos seus herd[illegible]os. Se forem [illegible]os legitimári[illegible] dos ditos sócio[illegible]ita a cessão [illegible]. O preço de ca[illegible]as cessões será [illegible] do preço que [illegible]gou pela aquis[illegible]

A[illegible] — A sociedade [illegible]tada em juízo [illegible]iva e passiva[illegible]os os sócios, [illegible]eados gerente[illegible]a de caução. [illegible]iedade fique [illegible]essário e sufic[illegible]atura de qual[illegible]ntes Manuel [illegible]ário Pascoal.

P[illegible] — Os gerente[illegible]oal e Mário[illegible]erão delegar [illegible]ntidos no corpo [illegible] em qualquer [illegible] gerentes ou ai[illegible]ssoas mas apen[illegible]ilidade daqueles.

E[illegible] ao original.

A[illegible] Dezembro de 19[illegible]

[illegible] Ratola

Correios e Telecomunicações de Portugal

AVISO

Através de estudos estatísticos, prèviamente realizados pelos serviços especializados desta Empresa, concluiu-se que, em certos períodos de trabalho das Estações dos CTT, a procura efectiva de serviços, por parte do público, se confina a números de baixo índice de utilização.

Por outro lado e dentro da política social hoje generalizada, encarou-se a possibilidade de humanizar os horários de trabalho em vigor na Empresa sem que, do facto, venha a resultar prejuízos das necessidades reais do momento, ressalvando-se, portanto, os interesses essenciais do público.

Deste modo se anuncia que, a partir do próximo dia 15 de Janeiro de 1972, os horários normais de abertura ao público das Estações dos CTT passarão a ser os seguintes:

No Concelho de: AVEIRO

Estações com Horário Completo — 2.ª a 6.ª Feira — 9 às 19
Sábado — 9 às 17

AVEIRO, AVEIRO AVENIDA (a)

Estações com Horário Limitado — 2.ª a 6.ª Feira — 9 às 13 e 14 às 18
Sábado — 9 às 13

CACIA, COSTA DO VALADO, EIXO, ESGUEIRA (AVEIRO)
S. JACINTO (AVEIRO)

Nota — A Estação de Aveiro à qual no sábado é atribuido o horário das 9 às 17, atrás referido, não executará no período das 13 às 17 os seguintes serviços:

— Aceitação e entrega de encomendas postais
— Emissão e pagamento de vales postais
— Caixa Económica Postal
— Cobrança relativa a objectos e títulos

(a) — Esta Estação encerra às 13 horas ao sábado

Aconteceu...

Continuação da primeira página

lectividade, pois nada mais traduz do que a exibição pura e simples de algumas dúzias de mocinhas mais ou menos vestidas ou mais ou menos despidas...

Talvez não andemos muito arredios da verdade ao afirmar tratar-se de uma psicose, de uma loucura generalizada, susceptível de levar tanta e tão boa gente à alucinação...

Não ignoramos, todavia, que há quem defenda tratar-se de uma experiência inofensiva, e agradável, autêntica competição desportiva em que aquelas que nela tomam parte se recomendam pelo que apresentam e mostram...

Sabemos também que há quem afirme estar em causa uma banal manifestação de beleza física — pois os predicados morais não contam! —, à semelhança dos antigos jogos romanos ou helénicos. Outros pretendem demonstrar, e não o ignoramos também, que tais concursos são autênticas composições de corpos e movimentos, com um arranjo musical hàbilmente adequado, à semelhança do que sucede em certos espectáculos coreográficos.

Seja como for, e diga-se o que se disser, o certo é que os puritanos encaram os concursos de beleza como atentados contra o pudor; os virtuosos vêem neles uma exploração do corpo feminino; os despeitados não os aceitam, ou porque não tenham recebido convite ou porque acham demasiado caros os bilhetes da primeira fila; os meninos inexperientes saboreiam a natural timidez das jovens concorrentes; os gozões divertem-se como autênticos bobos, à semelhança do que experimentam no circo, no baile, no jantar de cerimónia — ou no funeral...

Não deixamos, todavia, de pensar no aspecto positivo dos concursos de beleza, se os encararmos como uma possibilidade de uma mudança de vida, muito semelhante, aliás, a um casamento rico, a uma profissão rendosa, a um curso universitário. Contudo, apressamo-nos a acrescentar que tal aspecto positivo de um concurso de beleza física deveria constituir o complemento de um Concurso do Tipo Ideal. *E assim pensamos, quanto mais não seja, porque reconhecemos que se vive num mundo de permanente competição, onde os concursos públicos são os processos menos susceptíveis de se julgar com injustiça e parcialidade.*

ARAÚJO E SÁ

Pinheiros... e Natal

Continuação da primeira página

nas árvores desta espécie que a indústria do país consome).

Ora, diante do que exponho, e com boa intenção, não se poderia (pergunto) substituir, na época do Natal, os pinheirinhos das gândaras por similares artificiais que, para o efeito, daria o mesmo resultado, e a Nação — este Portugal de todos nós — deixaria de sofrer na sua economia esse grande prejuízo?

Com um pouco de compreensão e alguma boa vontade, não se poderia? senhores que mandam...

Janeiro — 1972

L. M. M.

Coral Vera Cruz

Continuação da primeira página

e consequentemente, motivo de orgulho para os Aveirenses.

As trinta e quatro vozes, masculinas e femininas, distribuídas pelos quatro naipes, sob proficiente direcção de Fernando de Morais Sarmento e com esclarecedora apresentação do Irmão deste, Evangelista de Morais Sarmento, não cantaram simplesmente: interpretaram, dando cor própria e aliciante, a textos de J. S. Bach, Neumark, Gruber, Mendelssohn e a harmonizações de Sampaio Ribeiro e Gavaert. Foi um espectáculo inolvidável — não só promissor, se não promissor de maiores êxitos.

No final da primeira parte, e em extra, o CORAL fez-se ouvir, só com vozes masculinas, em número de polifonia religiosa; e, no fim, também extra-programa, deliciou o auditório com três canções, de temática local, muito da antiga predilecção da gente da Ria.

Está de parabéns o CORAL VERA CRUZ e está Aveiro de parabéns. Vai daqui também um aceno de simpatia e aplauso para a Câmara Municipal, que a este magnífico concerto deu a sua colaboração; e, porque de tal terá de orgulhar-se, certamente continuará a dispensar à excelente organização artística o mais franco incentivo, com o seu decidido, permanente e efectivo apoio.

50 anos do BEIRA-MAR

Continuação da penúltima página

dadores presentes, evocando sócios e dirigentes de várias gerações, que felicitou do mesmo modo que dirigiu parabéns a quantos — atletas e dirigentes — honram o clube, sabendo defender as suas cores. Recordou que a Câmara deliberara, na sua primeira reunião do ano corrente, dar o nome do Sport Clube Beira-Mar a uma artéria da cidade, por entender, unânimemente, ser essa homenagem acto de elementar justiça, prémio justo para o muito que o Beira-Mar tem feito por Aveiro, ao longo de cinquenta anos de operosa existência, que transcendeu mesmo as fronteiras da cidade e do País. A concluir, disse ainda que, em vista da obra grandiosa a que o Beira-Mar se votou, ao edificar o Pavilhão de Desportos, a Câmara decidira conceder-lhe um novo subsídio, de 150 contos, para esse empreendimento — perfazendo, portanto, meio milhar de contos a verba que a Câmara dispende com o Pavilhão do Beira-Mar.

Fechando a série de brindes, o sr. Dr. Francisco do Vale Guimarães recordou, como aveirense, a criação e os primeiros passos do Beira-Mar, «clube que era um pedaço da sua própria vida e do seu coração». Depois, como Governador Civil, acentuou que o Governo da Nação havia encarado do melhor modo a construção do excelente recinto beiramarense, através de donativos e subsídios vultosos, estando seguro de que, por modo semelhante, não deixaria de considerar as futuras obras complementares já projectadas. Falou da projecção a que o Beira-Mar se alcandorara, por mérito insofismável, dos seus atletas e da sua admirável equipa de dirigentes; saudou os sócios fundadores e demonstrou viva satisfação pela presença, na festa do Beira-Mar, de todos os clubes aveirenses — sinal da forte união de boas-vontades dos desportistas da nossa terra. A concluir, redigiu e leu o texto dum telegrama-convite ao Sr. Almirante Américo Tomás, saudando-o e exprimindo-lhe o desejo da sua presença nas cerimónias inaugurais do Pavilhão de Desportos do Beira-Mar.

Junta Distrital de Aveiro

AVISO

Faz-se público que no dia 11 de Fevereiro de 1972, pelas 21,30 horas, no edifício da Junta Distrital e Sala das Sessões, se procederá novamente ao concurso público para adjudicação do fornecimento e montagem da equipamento da cozinha e lavandaria do Internato Distrital de Aveiro, em virtude de o concurso anterior não ter produzido quaisquer efeitos.

Base de Licitação.......... 393.990$00
Depósito Provisório............ 9.850$00

As propostas, devidamente instruidas, nos termos do respectivo programa de concurso, deverão ser enviadas em sobrescrito lacrado, pelo correio, sob registo e com aviso de recepção, ou entregues contra recibo até à hora marcada para a realização do concurso.

O depósito definitivo será de cinco por cento do valor da adjudicação.

O programa do concurso, novo caderno de encargos e desenhos estão patentes nos Serviços Técnicos de Fomento às horas de expediente.

Junta Distrital de Aveiro, 8 de Janeiro de 1972

O Presidente da Junta,
José Gamelas Júnior

Cartões de Visita

PADRE JOSÉ MARIA CARLOS

Encontra-se internado na Clínica de Santa Filomena, em Coimbra, onde foi operado no dia 8 do corrente, o sr. Padre José Maria Carlos, antigo pároco da freguesia da Glória, actualmente a exercer funções na Câmara Eclesiástica da Diocese e de capelão na igreja das Carmelitas.

Ao virtuoso sacerdote desejamos pronto e completo restabelecimento.

NASCIMENTO

No dia 25 do mês transacto, nasceu, em Naugatuck, nos Estados Unidos da América do Norte, primeiro filhinho ao casal da sr.ª D. Maria Regina Picado Rodrigues e do sr. Manuel Rodrigues.

Ao menino, que é neto materno do conhecido alfaiate-costureiro aveirense sr. Américo Picado, será dado o nome de Paulo Manuel.

DE FÉRIAS

Esteve nesta cidade, com sua esposa e filhinhos, em gozo de merecidas férias, o aveirense sr. Manuel Pereira de Melo, radicado, há cerca de 18 anos, na Africa do Sul, que, por nosso intermédio, apresenta os seus cumprimentos de despedida a todos os amigos a quem não pôde fazê-lo pessoalmente.

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro

AVISO

Avisam-se os eventuais interessados que se aceitam requerimentos pelo prazo de 20 dias a contar da data do presente aviso, para preenchimento de vaga de "Enfermeira" no Posto Clínico de Albergaria--a-Velha,

Nos seus requerimentos devem indicar, para além dos elementos habituais, o número da carteira profissional, bem como as últimas entidades para quem tenham trabalhado.

Aveiro, 3 de Janeiro de 1972

O PRESIDENTE

COELHO & BRANCO, LIMITADA

CARTÓRIO NOTARIAL DE ÍLHAVO

Certifico, para efeito de publicação, que, por escritura de 8 de Janeiro de 1972, lavrada de fls. 78 v., a 80, do livro de notas para escrituras diversas B-sessenta e oito, deste Cartório, Carlos Alberto de Mesquita Coelho, casado, natural da freguesia de Cedofeita, da cidade do Porto, e residente no lugar de Verdemilho, freguesia de Aradas, concelho de Aveiro, e Manuel Correia Branco, também casado, natural desta freguesia e concelho de Ílhavo, e nela residente, na vila, na Rua de José Estêvão, n.º 50, constituiram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que ficou a reger-se pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a Firma Social «COELHO & BRANCO, LIMITADA», fica com a sua sede e estabelecimento no lugar de Verdemilho, freguesia de Aradas, concelho de Aveiro, e a duração é indeterminada.

2.º — O objecto da sociedade é o exercício de Electro-domésticos e análogos e qualquer outro que a sociedade delibere exercer e permitido por lei.

3.º — O capital social é do montante de 100 000$00, inteiramente realizado em dinheiro e dividido em duas quotas iguais, uma de cada sócio.

4.º — A cessão de quotas fica dependente do consentimento da sociedade e dos sócios que poderão optar querendo.

5.º — A gerência, dispensada de caução, pertence a ambos os sócios, sendo necessárias as assinaturas de ambos para obrigar a sociedade, podendo na falta ou impedimento de um deles assinar a respectiva esposa por procuração, salvo em actos de mero expediente para os quais basta a assinatura de um só deles.

§ único — A gerência poderá ser exercida por terceiro ou terceiros quando deliberado em Assembleia Geral com o acordo de todos os sócios.

6.º — Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da Assembleia Geral são convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com aviso de recepção e com a antecedência de pelo menos dez dias.

Está conforme, e declara-se que na escritura nada há que altere, amplie ou condicione o que aqui se certificou.

Cartório Notarial de Ílhavo, oito de Janeiro de mil novecentos e setenta e dois.

O Ajudante,
Egídio Esteves Rebelo

Tribunal Judicial da Comarca de Vagos

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Faz-se saber que nos autos de execução sumaríssima que Jacinto Carvalhais, casado, residente no lugar da Ponte de Vagos, desta comarca, move contra DAVID FRANCISCO RITO e mulher ROSA DE JESUS, que tiveram a sua última residência conhecida no referido lugar da Ponte de Vagos, correm éditos de VINTE DIAS contados da segunda e última publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos daqueles executados, para, no prazo de DEZ DIAS posterior ao dos éditos, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, naquela execução.

Vagos, 5 de Janeiro de 1972

O Juiz de Direito,
João Henriques Martins Ramires

O Escrivão,
José da Quintã Ferreira Lajas

Secretaria de Estado da Aeronáutica

BASE AÉREA N.º 7

CONSELHO ADMINISTRATIVO

S. Jacinto - AVEIRO

Fornecimento de Carnes, Vinhos e Batatas para o primeiro trimestre do ano de 1972.

Torna-se público que se encontra aberto concurso, até às 16,30 horas do dia 20 do corrente mês, para o fornecimento dos artigos e produtos alimentícios acima referidos.

As condições do concurso constam no caderno de encargos que está patente no Conselho Administrativo da Base Aérea n.º 7, o qual poderá ser consultado todos os dias úteis, das 9,00 às 16,30 h., exceptuando os sábados.

Base em S. Jacinto, 5 de Janeiro de 1972

O Presidente do C. A.
Herculano J. C. Marcelino
TCOR/TMMA

Continuações

BASQUETEBOL

sábado) e do Benfica (no domingo).

O Galitos ganhou, muito justamente, a quem tinha de ganhar (Carnide) e perdeu, sem motivos para espanto ou descrença, com quem tinha, normalmente, de perder (o candidato ao título Benfica). No jogo contra o Carnide, superiormente arbitrado pelo duo do Porto constituído por Norberto Costa e Eduardo Cabral, o «cinco» do Galitos mostrou-se sempre muito mais equipa que a do Carnide em aspectos decisivos nas partidas de basquetebol: melhor técnica colectiva de execução, melhor estruturação defensiva e atacante e maior rapidez nas jogadas fatais do contra-ataque.

O conjunto aveirense, por via dessa incontestável superioridade (apenas renitente nos minutos finais da 1.ª parte) comandou a partida de princípio ao fim. Vitória justa, portanto, do Galitos num jogo que não atingiu nível elevado. Longe disso.

Nível elevado não atingiu também o encontro Galitos — Benfica. Marcaram-se, é certo, muitos pontos (e isso é sempre motivo de agrado para quem aprecia a modalidade), mas grande parte dos mesmos resultaram de erros injustificados das duas defesas (homem a homem no Benfica, zonal no Galitos).

A melhor preparação física (bem denunciada), a melhor execução técnica, a mais adequada explanação táctica e, sobretudo, a maior maturidade dos elementos-chave do Benfica relativamente aos do Galitos (Júlio Campos, Joaquim Carlos e Coelho, por exemplo, já têm uns bons anos de «tarimba») acabaram, naturalmente, por ditar as suas leis, leis que a «rapaziada» do Galitos, mau grado a dignidade e o brio com que se bateu, foi impotente para contrariar.

O Benfica utilizou a defesa individual, nem sempre perfeita por má distribuição dos pares, enquanto que o Galitos, conhecedor do poderio dos «tabeleiros» da equipa «encarnada», optou (e fez bem) por uma fechada defesa à zona ,a partir do 2-1-2, mas com bastantes falhas por deficiente movimentação (pernas e braços) dos 5 elementos. O contra-ataque usado pelos dois «cincos», sempre que surgiram oportunidades para tal, saiu com mais beleza e eficiência nas situações em que a iniciativa pertenceu aos lisboetas, o que não é de estranhar reconhecida a sua melhor estruturação e valia técnica.

No ataque pròpriamente dito, o Galitos perante a defesa individual do Benfica, sentiu bastantes dificuldades recorrendo, desnecessàriamente, a frequentes batimentos de bola (principalmente por parte do Madureira mais novo) que, por exagerados, se tornaram contra-producentes. Raras foram as soluções, de efeito positivo utilizado, para combates o processo defensivo benfiquista.

Quanto ao Benfica, os homens da tabela, a meia distância de Pombo e as entradas em drible de Joaquim Carlos foram os meios mais vezes usados de que o «cinco» se serviu para vencer a partir de com certa folga.

Jogadores em evidência nos dois jogos: Rui Ferreira, do Carnide (o melhor jogador desta equipa, a grande distância dos restantes); Leitão, Francisco Madureira (jogo de sábado), Carlos Madureira e Farela, no Galitos; Joaquim Carlos, Glenn, Esteves e Pombo, no Benfica.

Quanto à arbitragem (a mesma do jogo de sábado) agradou-nos, se bem que uns pontos abaixo da exibição proporcionada no jogo da véspera, o que se compreende, em fase das maiores dificuldades que o Galitos — Benfica lhe trouxe.

FICHAS DOS JOGOS

Galitos, 68 - Carnide, 55

Arbitros — Artur Norberto e Eduardo Cabral, do Porto.

Alinharam e marcaram:

GALITOS — Farela (11), Horácio (2), Vitor, Francisco Madureira (24), Leitão (10), Antunes (5), Esgueirão (6), Carlos Madureira (8) e Cotrim (2).

CARNIDE — Costa, F. Amaral (12), Carvalho (3), Silva (17), Rui Ferreira (20), J. Amaral (1), Miguel e Vicente (2).

1.ª parte: 31-29. 2.ª parte: 37-26.

Galitos, 69 — Benfica, 101

Arbitros — Artur Norberto e Eduardo Cabral, do Porto.

Alinharam e marcaram:

GALITOS — Farela (20), Francisco Madureira (6), Horácio (2), Leitão (19), Antunes (2), Carlos Madureira (19), Esgueirão, José Luís e Teles (1).

BENFICA — Júlio Campos (6), Pombo (12), Dignan (15), Joaquim Carlos (15), Coelho (14), Esteves (12), Albuquerque, Abel (7) e Glenn (20).

1.ª parte: 29-45. 2.ª parte: 40-56.

II DIVISÃO — Zona Norte

O início da prova está marcado para esta noite, encontrando-se programados os seguintes encontros:

Série A

Covilhã — Iliabum
Sanjoanense — Leixões
Naval — C. D. U. P.
Nun'Alvares — Gulfões

Série B

Sp. Figueirense — Sport
Marinhense — Gala
Sangalhos — Educação Física
Esgueira — Leça

O desafio dos esgueirenses realiza-se amanhã, de manhã, no Campo da Alameda — aliás como todos os restantes que o Esgueira efectuar, na situação de visitado.

ANDEBOL DE SETE

tel), Gouveia (1), Pilar (1), Abrantes (2), Parreira (1), Simões (8), Amaral, Óscar, Borralho e Silva (1).

Bom e merecido êxito dos beiramarenses, num prélio de muito interesse para as suas aspirações. Na primeira vintena de minutos, os lisboetas comandaram a marcação (só cedendo empates a um e dois golos), chegando a ter três tentos de avanço (2-5). No declinar da primeira parte, e por influência de Mário Garcia — que não alinhara de entrada — o Beira-Mar operou sensacional volte-face: empatou a sete pontos, esteve de novo em desvantagem (7-8), embalando depois do 8-8, de forma irresistível, de tal jeito que, ao intervalo, ganhava por 14-9.

*No segundo tempo, de modo inteligente, o Beira-Mar procurou segurar a vantagem, que até veio a ser ampliada, com todo o merecimento, já que os auri-negros exploraram da **melhor** forma o descontrole da turma dos engenheiros — perturbados desde que passaram à situação de vencidos... Aliás, e lamentàvelmente, a turma lisboeta teve comportamento disciplinar condenável, que só prejudicou o grupo e, no fim do encontro, lhe valeu desagradável (mas justo) coro de apupos, em reprovação de atitudes menos próprias de alguns elementos.*

Entre os beiramarenses, e além de Mário Garcia, cujo papel decisivo já focámos, merece uma palavra de elogio o jovem ex-portista Borges, um pivot esclarecido trabalho, que ouviu merecida ova- e sacrificado, autêntico moiro de ção, perto do final, ao conseguir marcar um tento de belo efeito, numa jogada toda ela magnífica. Mas, por dever de justiça, terão de ser envolvidos na mesma palavra de parabéns, pela exibição produzida, todos os jogadores aveirenses: a equipa, de facto, valeu pelo bloco coeso que soube formar.

Campeonatos Distritais

— Iniciaram-se os torneios distritais, de seniores e de juniores, apurando-se estes resultados:

Seniores

CUCUJÃES — ESPINHO . . adiado

Juniores

BEIRA-MAR — ESPINHO . . . 18-9

— As provas prosseguem, hoje, com os encontros ESPINHO — CUCUJÃES, em seniores (17 horas) e BEIRA-MAR — GALITOS, ec juniores (17 horas).

Beira-Mar, 18 — Espinho, 9

Arbitraram os srs. Vitorino Gonçalves e António Costa, alinhando os grupos como segue:

BEIRA-MAR — Meco (Fortuna), Vaz Duarte (2), David (1), António Carlos (2), Fonseca (3), Matos (6), Ulisses, Adrego, Rui (4), Gamelas e Rocha.

ESPINHO — Casal, Augusto Vítor, Amaral, Filipe (1), Fontes (4), José Augusto (2), Pimentel, Figueiredo (2) e Rui.

Jogo equilibrado, na primeira parte, que terminou com os grupos empatados (7-7), e supremacia evidente dos beiramarenses, na etapa complementar, em que fizeram jus ao triunfo amplo que vieram a obter.

«Bodas de Ouro» do Beira-Mar

Abraços significativos, dados, no sábado, durante a festa de anos do Beira-Mar. Ao lado, entre os sócios-fundadores Firmino da Naia e José de Pinho Nascimento, um dos primeiros guarda-redes do clube aveirense, Dionísio Bettencourt, há anos radicado em Lisboa, donde expressamente se deslocou; em baixo, o mesmo «porteiro» beiramarense do passado, junto de vários guardiões das balizas das equipas de hoje (seniores, juniores, juvenis, iniciados) no andebol, no futebol e no hóquei em patins...

Martins de Lima e Joaquim Adriano Campos Amorim; e pela Federação Portuguesa de Futebol, Comissão Distrital de Arbitros de Futebol de Aveiro, Futebol Clube do Porto, «Os Belenenses» e Club de Aveiro.

Iniciada a série de brindes, usou da palavra o sr. Dr. Fernando de Oliveira, Presidente da Assembleia Geral do Beira-Mar, para endereçar saudações a todas as entidades convidadas e a toda a família beiramarense. Distinguiu, no entanto, os srs. Governador Civil, Presidente da Câmara e Delegado da Direcção-Geral dos Desportos (curiosamente, seu antecessor no cargo que desempenha no clube) — a todos agradecendo o carinho e o apoio dispensado ao Beira-Mar. Prosseguindo, pôs em relevo a posição a que os representantes do clube ascenderam, em diversas modalidades, tanto no âmbito profissional, como nas actividades amadoras; e evidenciou, também, de modo jubiloso, a carolice dos camponentes da Comissão de Obras do Pavilhão, da Tertúlia Beiramarense e da Comissão Pró-Beira-Mar, «responsáveis» — pelo incondicional e prestimoso auxílio prestado aos membros da Direcção — pelo *grande milagre* do Beira-Mar, no seu dia de anos, já poder receber os convidados numa casa própria. E, a finalizar, fez um apelo à unidade de todos os beiramarenses.

Falou, em seguida, em nome da Tertúlia Beiramarense, o sr. João da Graça Paula, observando que o Beira-Mar, «efectivamente uma força no Desporto Nacional e na Cidade», vivia hora de rara felicidade por poder festejar o seu cinquentenário, embora numa pré-inauguração, num recinto seu, graças ao espírito de iniciativa e ao poder de realização de homens de vontade forte, firme e resoluta — qualidades que eram aval seguro de que, também em breve, possa prosseguir-se nas projectadas obras complementares do magnífico pavilhão, edificando-se a Sede do Clube e uma piscina, no topo Norte. A concluir, anunciou a oferta, por intermédio da Tertúlia, de dez mil escudos enviados, do Cartaxo, pelo sr. Comendador Rogério Ribeiro, um grande amigo e benemérito do Beira-Mar.

Depois, o sr. Eng.º Alberto Branco Lopes, Delegado da Direcção-Geral dos Desportos, endereçando felicitações ao Beira-Mar, dirigentes, atletas, sócios e amigos — augurando um futuro repleto de êxitos à família beiramarense, de que disse, se orgulhava de pertencer. Procedeu, no final, à entrega de um cheque de duzentos contos do Fundo de Fomento do Desporto — comparticipação já em tempos anunciada pela Direcção-Geral dos Desportos para as vultosas obras do Pavilhão do Beira-Mar.

Seguidamente, foi a vez de saudarem o Beira-Mar os srs. Eng.º Carlos Rodrigues, Presidente da Direcção da Associação de Futebol de Aveiro (representando os restantes organismos congéneres) e João Andrade de Carvalho, Presidente da Sociedade Recreio Artístico, em nome de todos os cubes da região.

Pelos associados, usou da palavra — como sempre de modo vibrante, entusiástico — o sr. Carlos Manuel Gamelas. Aludiu à efeméride e à projecção que o Beira-Mar alcançou, através de meio-século de existência sempre digna, nobre, tanto nos momentos de euforia, como nos períodos menos favoráveis. Afirmou que o clube, «hoje o maior cartaz de Aveiro, uma força enorme que constitui o maior polo de atracção para a nossa terra» está reservado para um futuro deveras radioso, tanto no campo do Desporto, como no aspecto de promoção social, dado que possui um pavilhão que irá ser, sem dúvida, «fábrica de atletas que tornem o Beira-Mar, já hoje o maior clube de Aveiro e do Distrito, um dos maiores de todo o País». Solicitou ao sr. Governador Civil que superiormente promova as necessárias diligências para que, em Maio próximo, o Sr. Presidente da República, Almirante Américo Tomás, possa deslocar-se a Aveiro para presidir à cerimónia da solene inauguração do Pavilhão do Beira-Mar, lembrando que, há meses, o venerando Chefe do Estado dera a todos os aveirenses a subida honra de lançar a primeira pedra no importante melhoramento para a cidade e para o Desporto Nacional.

Discursou, em seguida, o sr. Dr. Artur Alves Moreira (que, diga-se em parentesis, recordando afirmação aliás feita pelo Presidente do Município, foi atleta, sócio, seccionista, dirigente e presidente do Beira-Mar). Afirmou estar a assistir-se a autêntica e vibrante «assembleia magna» da colectividade, que começou por saudar, na pessoa dos sócios-fun-

Continua na página cinco

Donativos para o Pavilhão

Relação dos donativos conseguidos no decorrer do «Jantar do Cinquentenário».

Em materiais — João Nunes da Rocha: 1 000 metros de «parquet»-Bonsucesso; João Maria Simões Ribeiro; 30 metros cúbicos de brita; Francisco da Encarnação Dias, Manuel Moreira Peixinha, Manuel de Jesus Mendes e Eng.º João Sacchetti (pela «Zeus»): 100 sacos de cimento; Manuel Carvalho Bernardes: 70 sacos de cimento; Marinho Ferreira da Silva, Abel Ferreira da Silva, Alberto Vieira (Lameiro); Joaquim Pereira Júnior, Ismael Martins Timóteo e Mário Ferreira Couto: 50 sacos de cimento; e Avelino Dias da Silva: 30 sacos de cimento.

Em numerário — António de Matos Campos: 1 000 escudos; Casimiro Ferreira Lourenço, Porfírio Soares Machado e João Balacó Corujo: 500 escudos; e Eduardo Guimarães: 20 escudos.

Registo de um acontecimento marcante, nesta imagem panorâmica, alusiva ao «Jantar do Cinquentenário» do Beira-Mar — festa de confraternização em que se reuniram quase quatrocentos convivas!

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 20 DO «TOTOBOLA»

23 de Janeiro de 1972

1 — Beira-Mar — V. Setúbal X
2 — Tirsense — C. U. F. 1
3 — Benfica — Porto 1
4 — Boavista — Sporting X
5 — Barreirense — Guimarães 1
6 — Atlético — Académica 2
7 — U. Tomar — Farense 1
8 — Leixões — Belenenses 1
9 — Alba — Varzim 1
10 — Gil Vicente — Marinhense 2
11 — Fafe — Lamas 1
12 — Olhanense — Sesimbra X
13 — Lusitano — Sintrense X

«Bodas de Ouro» da Beira-Mar

VIBRANTE AFIRMAÇÃO DE UNIDADE E FÉ CLUBISTA

JANTAR DO CINQUENTENÁRIO

DONATIVOS VALIOSOS — No decurso do «Jantar do Cinquentenário», a Comissão de Obras do Pavilhão do Beira-Mar conseguiu angariar, em ofertas ali feitas por associados, diversos e valiosos donativos, cuja relação publicamos, noutro ponto do LITORAL

Arreigadamente popular, o prestigioso Sport Clube Beira-Mar — «hoje uma força no Desporto Nacional e na Cidade» — reuniu à sua volta, na noite de sábado, as mais representativas individualidades da nossa terra, no *Jantar do Cinquentenário*, número que encerrava o ciclo de comemorações programadas para Janeiro na série de cerimónias integradas, ao longo de 1972, nas «Bodas de Ouro» da colectividade.

A festiva reunião, verdadeira «assembleia magna do clube», realizou-se no amplo Pavilhão Desportivo do Beira-Mar — que em breve se ultimará e inaugurará oficialmente. Erguido em tempo *record*, graças ao entusiasmo e dedicação inultrapassáveis dos elementos da respectiva Comissão de Obras, o magnífico recinto, excelente prenda dos beiramarenses à juventude aveirense, encontrava-se vistosamente engalanado. Estiveram presentes quase quatro centenas de convivas — além das entidades oficiais (civis, militares, judiciais e eclesiásticas); representantes das diversas agremiações desportivas, culturais, recreativas e benemerentes da cidade e da região; representantes da Imprensa concelhia; delegados das operosas Tertúlia Beiramarense e Comissão Pró-Beira-Mar; elementos dos Corpos Gerentes do Beira-Mar e dois dos seus sócios-fundadores, srs. José de Pinho Nascimento e Firmino da Naia (todos chamados para a mesa principal, a que presidiu o Chefe do Distrito); — compareceram numerosos associados e a quase totalidade dos atletas, amadores e profissionais, que envergam a gloriosa camisola auri-negra, e dos técnicos que prestam serviço nas diversas modalidades que o clube já pratica, em inequívoca demonstração de vitalidade e ecletismo notáveis e aplaudíveis.

Precedendo a série de discursos, em que se produziram afirmações de confiança total no futuro, sempre engrandecido e cada vez mais próspero, da colectividade aniversariante, o Presidente da Direcção, Dr. Maya Seco, deu nota de expressivas mensagens de parabéns recebidas pelo Beira-Mar. Delas se destacavam as enviadas pelos srs. Bispo de Aveiro (impedido, por doença, de comparecer na festa, em que se fez representar pelo Vigário-Geral da Diocese), Embaixador Dr. Mário Duarte, Deputado Dr. Veiga de Macedo, Vereador Gaspar Albino, Jaime

Continua na penúltima página

Dois momentos altos, na maré cheia de entusiasmo beiramarense vivida, no sábado, durante o «Jantar do Cinquentenário»: o Chefe do Distrito (gravura acima) rematou um expressivo discurso — autêntico hino de aveirismo e beiramarismo — redigindo o texto de um telegrama-convite ao venerando Chefe do Estado, para inaugurar, em Maio próximo, o Pavilhão do Beira-Mar; e o Presidente da Câmara Municipal (gravura ao lado) anunciou que o Município, sobre ter deliberado dar o nome do Sport Clube Beira-Mar a uma artéria da cidade, resolvera reforçar com mais 150 contos a verba concedida para as obras do excelente recinto desportivo do popular e prestigioso clube em festa.

FUTEBOL

Amanhã, recomeço da I DIVISÃO NACIONAL

Depois do intervalo (que pretendia ser mais ou menos turístico...) ocorrido no passado domingo, regressa amanhã o Campeonato Nacional da I Divisão, completando-se a última jornada referente à primeira volta.

Da ronda — a décima quinta — foram já antecipados dois jogos (Benfica — Farense, 2-0 e Tirsense — Porto, 3-3). Assim, o calendário de amanhã fica reduzido aos seguintes seis desafios:

ATLÉTICO — LEIXÕES
BARREIRENSE — ACADÉMICA
BOAVISTA — V. GUIMARÃES
U. TOMAR — SPORTING
BEIRA-MAR — C. U. F.
V. SETÚBAL — BELENENSES

XADREZ DE NOTÍCIAS

Está marcado para este fim-de-semana o início da primeira competição oficial da época organizada pela Associação de Patinagem de Aveiro — a «Taça Distrito de Aveiro», a disputar nas categorias de seniores e juniores.

Estão inscritos: Beira-Mar, Oliveirense, Alba, Sanjoanense, Lamas e Cucujães (seniores); e Cucujães, Sanjoanense, Oliveirense e o novel Hóquei Clube da Mealhada (juniores).

Em organização da Federação Portuguesa de Ténis de Mesa, de colaboração com a Associação de Ténis de Mesa de Aveiro, a Câmara Municipal e os Bombeiros Voluntários da Mealhada, realiza-se hoje, nesta vila bairradina, a «Taça Fundação» — para seniores, juniores e infantis.

Estarão presentes os mais destacados praticantes do Distrito, em representação de sete colectividades: Ovarense, Orfeão de Ovar, Ginásio de Águeda, Clube de Albergaria, Mealhada, Tuna Mourisquense e Macinhatense. As eliminatórias principiam às 15 horas, realizando-se as finais a partir das 21 horas.

Amanhã, em organização da Associação de Ciclismo de Aveiro, realizam-se as primeiras provas dos Campeonatos Regionais de «Ciclo-Cross», para ciclistas profissionais, amadores e populares.

As competições desenrolam-se em terrenos anexos à Pista da Bairrada, em Sangalhos.

GINÁSTICA

No sábado, estiveram em Aveiro, numa reunião de trabalho com o Delegado da Direcção-Geral de Desportos, Eng.º Branco Lopes, com o Inspector de Educação Física do Ensino Primário da Zona Prioritária de Aveiro, Prof. Valdemar Lucas Caetano, e com dirigentes do Sporting de Aveiro, qualificados elementos da Federação Portuguesa de Ginástica — os seus Presidente e Secretário da Direcção, Tenente-Coronel Garcia Alvarez e Major Ferreira Canais.

Um dos principais pontos abordados foi o do incremento que vai passar a dar-se, desde as escolas primárias, à ginástica desportiva, correspondendo-se, assim, às directrizes traçadas pelo Ministério da Educação Nacional.

De momento, podemos noticiar que deverá efectuar-se em Aveiro, no ano em curso, o encontro internacional — Portugal — África do Sul; e que, a exemplo do que sucede com Coimbra, relativamente à natação, Aveiro passará a ser, a nível nacional, uma cidade-piloto, quanto à ginástica. Voltaremos ao assunto.

AVEIRO CIDADE-PILOTO

Andebol de 7

Campeonatos Nacionais

I DIVISÃO

Resultados da 11.ª jornada:

BEIRAMAR — TÉCNICO . . . 22-14
V. SETÚBAL — ACADÉMICO . 19-18
C. OURIQUE — PORTO . . . 13-18
C. D. U. P. — PADROENSE . 22-17
BENFICA — ALMADA 21-25
SPORTING — BELENENSES . . 22-16

Tabela classificativa:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sporting	11	10	1	0	245-143	32
Porto	11	9	0	2	254-182	29
Almada	11	8	1	2	259-195	28
Belenenses	11	8	0	3	243-191	27
Benfica	11	7	1	3	275-197	26
V. Setúbal	11	5	0	6	204-245	21
C. Ourique	11	4	0	7	204-204	19
Académico	11	3	2	6	204-235	19
Beira-Mar	11	3	1	7	191-227	18
Técnico	11	3	1	7	179-244	18
Padroense	11	1	1	9	190-279	14
C. D. U. P.	11	1	0	10	185-291	13

Jogos para esta noite:

ACADÉMICO — PADROENSE (20-20)
C. OURIQUE — V. SETÚBAL (16-18)
BENFICA — PORTO (15-18)
C. D. U. P. — TÉCNICO (12-17)
BEIRA-MAR — BELENENSES (12-21)
SPORTING — ALMADA (19-17)

RESERVAS

Resultados da 11.ª jornada:

C. D. U. P. — PADROENSE . . 20-12
BENFICA — ALMADA 14-13
SPORTING — BELENENSES . . 14-26

Tabelas classificativas:

Zona Norte

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Porto	4	4	0	0	104-38	12
C. D. U. P.	4	2	1	1	51-48	9
Beira-Mar	4	2	1	1	51-58	9
Académico (a)	4	1	0	3	35-40	4
Padroense	4	0	0	4	42-99	4

(a) — Averbou duas faltas de comparêcia

Zona Sul

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Benfica	6	4	2	0	104-84	16
V. Setúbal	6	4	1	1	111-96	15
Almada	6	4	0	2	105-91	14
Belenenses	6	3	0	3	120-109	12
Sporting	6	2	2	2	103-104	12
C. Ourique	6	1	1	4	97-113	9
Técnico	6	0	0	6	88-131	6

Jogos para esta noite:

ACADÉMICO — PADROENSE
C. OURIQUE — V. SETÚBAL
SPORTING — ALMADA

Beira-Mar, 22 — Técnico, 14

Sob arbitragem da dupla aveirense Vitorino Gonçalves-Albano Pinto, os grupos formaram deste modo:

BEIRA-MAR — Januário, Helder (4), Lacerda (6), Matos, Vieira (5), Borges (1), Oliveira, Mário Garcia (6), Gamelas, Madail, Machado e Gonçalo.

TÉCNICO — Almeida (Pimen-

Continua na penúltima página

Basquetebol

CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO

Resultados da 1.ª jornada:

GALITOS — CARNIDE 68-55
GINÁSIO — BENFICA 75-89
PORTO — ACADÉMICO . . . 95-71
V. DA GAMA — B. P. M. . . 62-51
SPORTING — C. U. F. . . . 103-54
ALGÉS — ACADÉMICA . . . 70-90

Resultados da 2.ª jornada:

GALITOS — BENFICA . . . 69-101
GINÁSIO — CARNIDE . . . 81-52
V. DA GAMA — ACADÉMICO 55-61
PORTO — B. P. M. 71-44
ALGÉS — C. U. F. 88-74
SPORTING — ACADÉMICA . 81-78

Tabela classificativa:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Sporting	2	2	0	184-132	4
Porto	2	2	0	166-115	4
Benfica	2	2	0	190-144	4
Académica	2	1	1	168-151	3
Ginásio	2	1	1	156-141	3
V. da Gama	2	1	1	117-112	3
Algés	2	1	1	157-164	3
Académico	2	1	1	132-150	3
GALITOS	2	1	1	137-156	3
B. P. M.	2	0	2	105-133	2
Carnide	2	0	2	107-149	2
C. U. F.	2	0	2	128-190	2

Próximas jornadas:

HOJE — CARNIDE — PORTO, BENFICA — VASCO DA GAMA, ACADÉMICA—GALITOS, C.U.F. — GINÁSIO FIGUEIRENSE, ACADÉMICO — ALGÉS e B. P. M. — SPORTING.

AMANHÃ — CARNIDE VASCO DA GAMA, BENFICA — — PORTO, ACADÉMICA — GINÁSIO FIGUEIRENSE, C. U. F.— — GALITOS, ACADÉMICA — — SPORTING e B. P. M. — ALGÉS.

OS JOGOS DO GALITOS

COMENTÁRIOS DO DR. LÚCIO LEMOS

Teve início no passado fim de semana com jogos programados para os sábados à noite e domingos ao fim da tarde (situação justificável mas que, no entanto, não deixa de constituir sério problema para as equipas pior preparadas fìsicamente e (ou) sem suplentes de nível aproximad~ ~o dos titulares), a fase me duplo, chamemos-lhe assim, Campeonato Nacional de Basquetebol. Duplo, porque de um lado (o dos mais poderosos e candidatos ao título) estão as equipas luso-americanas reforçadas, durante nove meses (é o passado que o diz), com «americanos de lá» (até quando se manterão «partos» nas condições destes, dispendiosos e abortativos, no basquetebol português?) e do outro (o dos menos poderosos e quase todos candidatos... à despromoção), situa-se as equipas «portuguesinhas da costa» integradas de alguns «americanos», feitinhos cá.

À valorosa, se bem que muito compreensìvelmente inexperiente equipa do Galitos, uma das do grupo dos menos poderosos, constituída ùnicamente por «prata da casa» preparada com muito «sangue, suor e lágrimas» nos «laboratórios» do Rinque do Parque e (ou) do Pavilhão do Liceu, coube defrontar, na jornada inicial, as equipas lisboetas do Carnide (no

Continua na penúltima página

ESGUEIRA campeão de juvenis

Conforme referimos, na semana finda, foi necessário recorrer a uma «finalíssima» para apuramento do vencedor do Campeonato de Aveiro, na categoria de juvenis, em consequência do Esgueira e do Galitos concluirem em igualdade de pontos a poule final da prova.

O prélio decisivo efectuou-se em Ílhavo, na manhã de domingo, e decorreu de forma emocionante e equilibrada, chegando-se ao final com os grupos empatados a 31 pontos. No prolongamento regulamentar, o Esgueira conseguiu uma «cesta» de avanço (12-10), pelo que venceu por 43-41, ganhando o título e conquistando o direito de representar Aveiro no Campeonato Nacional.

Litoral
DESPORTOS
Secção dirigida por António Leopoldo
AVEIRO, 15 - JANEIRO - 1972
ANO XVIII - N.º 893 - AVENÇA